

www.autoresespiritasclassicos.com

Ernesto Bozzano

Pensamento e Vontade

Do original italiano
Pensiero e Volontà



El Greco
São Francisco em oração



Conteúdo resumido

Nesta obra Bozzano faz uma análise científica dos efeitos das forças ideoplásticas na mente humana, ou seja: a transformação de um fenômeno psicológico em fisiológico; a fotografia do pensamento através da sua concretização e materialização plástica; a objetivação do pensamento em um organismo vivo.

É uma importante investigação sobre as energias da mente e seus reais atributos, mostrando as potencialidades da alma, encarnada ou desencarnada.

Sumário

As forças ideoplásticas	3
Imagens consecutivas	7
Alucinações espontâneas e voluntárias	8
Sugestão hipnótica e pós-hipnótica	10
Formas do pensamento	13
Fotografia do pensamento	24
Ideoplastia	67
Conclusões.....	81

As forças ideoplásticas

Nada mais importante para a pesquisa científica e a especulação filosófica do que a demonstração, apoiada em fatos, da seguinte proposição: – pode um fenômeno psicológico transformar-se em fisiológico; o pensamento pode fotografar-se e concretizar-se em materialização plástica, tanto quanto criar um organismo vivo.

De outro modo falando, nada é tão importante para a Ciência e para Filosofia, como averiguar que a força do pensamento e a vontade são elementos *plásticos e organizadores*.

Efetivamente, a evidência de tal fato coloca o investigador diante de um ato *criador*, legítimo quão verdadeiro, que o leva, conseqüentemente, a identificar a individualidade humana, pensante, com a Potência primordial, que tem no Universo a sua realização.

Grandiosa concepção esta, do Supremo Ser, que me reservo para desenvolver, de forma mais criteriosa, oportunamente.

Antes de tudo, a propósito da questão aqui visada, importa advertir que a idéia de um pensamento e de uma vontade, substanciais e objetiváveis, não é nova.

Os filósofos alquimistas dos séculos XVI e XVII, Vanini, Agrippa, Van-Helmont, já atribuíam ao *magnetismo emitido pela vontade* o resultado de seus amuletos e encantamentos.

O desejo realiza-se na idéia – disse-o Van-Helmont –, idéia que não é vã, mas uma *idéia-força*, que realiza o encantamento.

Aí temos, pois, já formulada com três séculos de antecedência, a famosa teoria de Fouillée sobre as *idéias-forças*, e de maneira até mais completa, de vez que admitindo a objetivação.

Van-Helmont chegou mesmo a formular nitidamente a teoria das “formas-pensamento”, da ideoplastia, da força organizadora; ao demais, atribuindo-lhes existência efêmera, porém, ativa.

É assim que ele se expressa:

“O que denomino *espírito do magnetismo* não são espíritos que nos venham do céu e muito menos do inferno, mas provenientes de um princípio inerente à criatura humana, tal como a faísca que da pedra se desprende.

Graças à vontade, o organismo também pode desprender uma pequena parcela de *espírito*, que reveste forma determinada, transformando-se em “ser ideal”.

A partir desse momento, esse *espírito vital* se torna em coisa como que intermediária do ser corpóreo e dos seres incorpóreos. Assim é que pode locomover-se à vontade, não mais submisso às limitações de tempo e espaço.

Mas, não se veja em tudo isso a conseqüência de poderes demoníacos, quando apenas se trata de uma faculdade espiritual do homem, a ele estreitamente ligada.

Até aqui, hesitei no revelar ao mundo esse grande mistério, graças ao qual fica o homem sabendo que tem ao alcance da mão uma energia obediente à vontade, ligada ao seu potencial imaginativo, capaz de atuar exteriormente e influir sobre pessoas distantes, muito distantes mesmo.”

Convém insistir nesta circunstância, a saber: que as afirmativas de Van-Helmont a respeito das propriedades objetiváveis do pensamento e da vontade não eram meramente intuitivas, mas fundadas na observação de fenômenos incontestes, aos quais muitas vezes assistiam esses pioneiros do ocultismo, posto que maturados não fossem os tempos para interpretar devidamente o que empiricamente constatavam.

Também não é menos verdade que, entre os alquimistas de há três séculos, encontramos já devidamente formuladas as propriedades dinâmicas do pensamento e da vontade, propriedades que, em nossos dias, apenas começamos a estudar com métodos rigorosamente científicos.

Resta-me, agora, prevenir os meus leitores de que os materiais, por mim recolhidos a propósito, são tão abundantes que um grande volume se me imporia para desenvolver o assunto de modo completo.

Vejo-me, destarte, obrigado a apresentar um resumo substancial de cada uma das categorias em que se subdivide o tema.

*

A primeira dessas categorias é de todos familiar e por isso me limitarei a esflorá-la concisamente.

Refiro-me às provas de natureza indutiva, que as experiências de sugestão hipnótica podem fornecer em prol da hipótese de um pensamento objetivável.

Apenas, para bem elucidar o assunto, suponho necessário precedê-lo de algumas noções gerais, quanto à significação que devemos ligar ao vocábulo *imagens* do ponto de vista psicológico.

Denominamos *idéia* ou *imagem*, à lembrança de uma ou de muitas sensações, simples ou associadas.

Todo e qualquer pensamento não é mais que um fenômeno de memória, que se resume no despertar ou no reproduzir de uma sensação anteriormente percebida.

Existem tantos agregados de imagens, quanto os sentidos que possuímos.

Assim, temos grupos de imagens visuais, auditivas, táteis, olfativas, gustativas, motrizes etc.

Aí temos imagens que, ao mesmo tempo que as sensações, constituem a matéria prima de todas as operações intelectuais.

Memória, raciocínio, imaginação são fenômenos psíquicos que, em última análise, consistem no grupar e coordenar imagens, em lhes apreender as conexões constituídas, a fim de retocá-las e agrupar em novas correlações, mais ou menos originais ou complexas, segundo a maior ou menor potência intelectual dos indivíduos.

Taine disse:

“Assim como o corpo é um polipeiro de células, assim o espírito é um polipeiro de imagens.”

Pensava-se outrora que as idéias não tinham correlativo fisiológico, isto é, que um substrato físico não lhes fora necessário para manifestarem-se no meio físico.

Hoje, pelo contrário, está provado que as idéias ocupam no cérebro as mesmas localizações das sensações.

Noutros termos: está provado não ser o pensamento senão uma sensação renascente de modo espontâneo e que, portanto, ele – o pensamento – é de natureza mais simples e mais fraca que a impressão primitiva, ainda que capaz de adquirir, em condições especiais, uma intensidade suficiente para provocar a ilusão objetiva daquilo com que sonhamos.

Mas, o pensamento não é unicamente a ressurreição de sensações anteriores: a faculdade imaginativa domina no homem; é graças a ela que as imagens se combinam entre si, a fim de criarem outras imagens.

Por aí se prova existir na inteligência uma iniciativa individual própria, assim como relativa liberdade em face dos resultados da experiência; e isto devido a duas faculdades outras, superiores, da inteligência: *abstração* e *comparação*.

Segue-se que a imaginação, a abstração e a comparação dominam as manifestações do espírito, delas decorrendo todos os inventos e descobertas, inspirações e criações do gênio.

Isto posto, notarei que um primeiro índice da natureza objetiva das imagens se depara na maneira como se comportam elas nas manifestações do pensamento.

Subentendido fica que nos estribamos nos conhecimentos novos sobre o assunto, os quais levam a modificar o ponto de vista até agora mantido, quanto aos modos funcionais da inteligência.

Sem esses conhecimentos, oriundos das investigações metapsíquicas, não poderíamos, certamente, atribuir aos diversos modismos funcionais, que realizam as imagens, tanto na vigília como no sono natural, a significação que, entretanto, de direito lhe conferimos.

Imagens consecutivas

Quando freqüentemente repetida, a sensação adquire vivacidade excepcional, de modo a persistir, por vezes longamente, depois de extinta a causa geradora.

Mais, ainda: essa sensação pode renascer com toda a vivacidade, de uma sensação propriamente dita.

Newton, por um esforço da vontade, conseguia reproduzir a *imagem consecutiva* do disco solar, depois de interromper de algumas semanas as suas observações astronômicas.

E Binet cita o caso do professor Pouchet, microbiologista que, perlustrando as ruas de Paris, viu, de repente, surgir diante dele as imagens de suas culturas microscópicas, a se justaporem aos objetos exteriores. Essas visões lhe surgiram espontânea e independentemente de qualquer associação de idéias.

As alucinações dessa natureza apresentam nitidez característica e tal é a intensidade das *imagens consecutivas*, que poderiam ser projetadas sobre uma tela, ou sobre uma folha de papel, a fim de se lhes traçarem depois, a lápis, os contornos.

O Dr. Binet adverte que essa revivescência da imagem, muito tempo depois de extinta a sensação excitativa, exclui absolutamente a hipótese de ser a imagem consecutiva guardada na retina.

Se, pois, a conclusão é que ela se conserva no cérebro, o seu renascimento não implica, conseqüentemente, a atividade dos “pequenos cones” e “bastonetes” da retina.

Tais são as modalidades pelas quais se efetuam as imagens consecutivas.

Repito que, se as quisermos encarar separadamente, elas não oferecem uma base indutiva, de molde a concluir pela existência, nelas, de algo objetivo.

Todavia, como as nossas pesquisas, das quais vou amplamente tratar, levam a admitir que as imagens, em geral, consistem em projeções exteriorizadas do pensamento, não há razão para

deixar de concluir no mesmo sentido, com relação às *imagens consecutivas*.

O fato de ser intensa a sua vivacidade, a ponto de podermos fixá-las numa folha de papel e traçar-lhe a lápis os contornos, é de si mesmo bastante significativo, no sentido por mim apontado.

Alucinações espontâneas e voluntárias

Nos incidentes da vida ordinária e diuturna, todas as lembranças são constituídas por imagens atenuadas, mais ou menos vagas, cuja fraca vivacidade não permite distinguir-lhes a natureza.

Não obstante, a regra comporta numerosas exceções, e todos os homens geniais, cuja força imaginativa logrou criar obras-primas, foram dotados de intensa visão mental, que lhes permitia perceber interiormente as personagens e ambientes, engendrados pelo febricitante trabalho mental em gestação.

Sabido é que os grandes romancistas, entre eles Dickens e Balzac, ficavam às vezes obsidiados pela visão das personagens por eles idealizadas, a ponto de as verem, diante de si, como se fossem personalidades reais.

Outro tanto podemos dizer dos pintores, cujo poder de visualização pode chegar a substituir os modelos vivos.

Brierre de Boismont, em seu livro *As alucinações*, (págs. 26 e 451), relata o seguinte fato:

“Um pintor que herdara grande parte da clientela do célebre artista José Reynolds e considerado, aliás, retratista superior a este, declarou-me ter tantas encomendas, que chegou a pintar trezentos retratos, entre grandes e pequenos, no curso de um ano.

Tal rendimento de trabalho afigura-se-nos impossível; mas, o segredo da rapidez e do extraordinário êxito do artista consistia na circunstância de lhe não ser preciso mais que uma “pose do modelo original”.

Wigam conta: Vi-o pintar, eu mesmo, sob as minhas vistas, em menos de oito horas, o retrato de uma pessoa de minhas relações, e posso assegurar que o trabalho era cuidadosamente feito, além de fiel à semelhança.

Pedi-lhe esclarecimento do seu método. Respondeu-me:

“Quando me apresentam um novo modelo, fito-o com muita atenção durante meia hora, ao mesmo tempo em que, de espaço a espaço, procuro fixar um detalhe da fisionomia, sobre a tela.

“Meia hora me basta para dispensar outras “poses”. Pohnho, então, de lado a tela e ocupo-me de outro modelo.

“Quando volto ao primeiro retrato, penso na pessoa e asento-me no tamborete, de onde passo a percebê-la tão nitidamente como se presente de fato ela estivesse.

“Chego mesmo a distinguir-lhe a forma e a cor, mais nítidas e mais vivaces, do que o faria se a pessoa ali estivesse realmente.

“Nessa altura, de tempos a tempos fito a outra, a figura imaginária, fixo-a facilmente sobre a tela e, quando necessário, interrompo o trabalho para observar com cuidado o modelo, na “pose” que tomara.

“E cada vez que volvo o olhar para o tamborete, lá vejo, infalivelmente, o meu homem.”

Registre-se, contudo, que essa excepcional faculdade para objetivar imagens acabou por ser fatal ao artista, pois que enlouqueceu no dia em que lhe não foi possível distinguir as alucinações voluntárias e representativas de algumas pessoas, das pessoas realmente vivas.”

Também nos casos dessa natureza e sempre graças às novas luzes projetadas pelas investigações metapsíquicas sobre a gênese das alucinações, em geral, tudo concorre para demonstrar que nas formas alucinatórias, a que estão mais ou menos sujeitos romancistas e artistas, existe algo de objetivo e substancial.

É uma indução que, aliás, já ressalta mais nítida da análise das sugestões hipnóticas, tal como me proponho a demonstrar.

Sugestão hipnótica e pós-hipnótica

A imagem mental, sugerida ao paciente em estado de hipnose, reveste objetivação tão acentuada, que chega a eclipsar objetos reais, ou ainda a fixar-se com tal firmeza sobre uma folha de papel, que, cessada a sugestão, o paciente continuará percebendo-a.

Se introduzirmos essa folha de papel num pacote de folhas outras, absolutamente idênticas, convidando o paciente a indicá-la, ele o fará sem hesitação nem equívoco.

Binet propôs, para explicar esta última particularidade, a hipótese do “ponto de referência”.

Supõe ele que, na folha de papel em que se criou a imagem, se apresente alguma singularidade como, por exemplo, uma insignificante granulação, que sirva para reconhecê-la e sobre ela projetar a imagem alucinatória sugerida.

Até certo ponto, esta idéia parece plausível.

Embora muito deixando a desejar, ela constituía, por assim dizer, a única hipótese mediante a qual podiam os fatos ser julgados, enquanto não possuíamos as recentes e importantes premissas derivadas das experimentações metapsíquicas.

Acredito, contudo, deva ela ser quase por completo abandonada, para reconhecemos que as diferentes modalidades com que se apresentam as imagens alucinatórias, no curso das experiências hipnóticas, tendem a evidenciar a sua natureza objetiva.

Nesse sentido, vamos rapidamente recensear as modalidades mais significativas.

Quando, à revelia do paciente, viramos o papel em que ele percebe a imagem alucinatória, apresentando-lho invertido, o paciente também a vê do mesmo modo invertida, infalivelmente.

Se o convidamos a olhar através de um prisma, dupla lhe parecerá a imagem, tal como sucede com as imagens reais.

Eis o que diz Binet:

“Quando, durante o sono hipnótico, sugiro à enferma que sobre a mesa de cor escura, diante dela colocada, está um retrato de perfil, ela assim o vê quando desperta.

Depois, colocando-lhe, sem preveni-la, um prisma diante dos olhos, logo se mostra admirada em divisar dois perfis.

E a imagem fictícia se localiza, infalivelmente, de acordo com as leis físicas...

Assim, se a base do prisma estiver voltada para cima, as duas imagens se colocarão superpostas; se estiver de lado, a visão será lateral.

Utilizando um binóculo, a imagem alucinatória aproxima-se ou afasta-se, conforme se coloque diante dos olhos da enferma a ocular, ou a objetiva.

O mesmo ocorre se tivermos a precaução de dissimular a extremidade do binóculo, evitando que os objetivos reais incidam no campo visual.

Se lhe dermos um espelho, ela aí verá refletida a imagem alucinatória.

Assim, por exemplo: sugiro a existência de um objeto qualquer no canto da mesa, coloco, depois, um espelho por trás do referido canto e a paciente aí percebe imediatamente dois objetos análogos, parecendo-lhe o objeto refletido tão real quanto o alucinatório, de que é apenas um reflexo.”

Podemos acrescentar que o Dr. Perinaud, chefe da clínica oftalmológica das enfermidades nervosas, na Salpêtrière, demonstrou que:

“A alucinação de uma cor pode desenvolver fenômenos de contraste cromático, de maneira idêntica e mesmo mais intensa do que os produzidos na percepção real da mesma cor.”

Resta-nos, finalmente, assinalar uma prova fisiológica a favor da substancialidade real das imagens alucinatórias: a concernente às modificações da pupila dos alucinados.

Nesse sentido, observa o Dr. Féré:

“Eis o que notamos em duas histéricas com as quais nos foi possível entrar em comunicação verbal, durante o estado cataléptico.

Quando lhes ordenamos acompanhassem o vôo de um pássaro, que pousara em uma cúpula, ou ainda de um outro em pleno espaço, as pupilas se lhe dilataram até ao dobro do diâmetro normal.

Mas, à proporção que fazíamos baixar o pássaro, elas se contraíam gradualmente.

Essa experiência pode reproduzir-se à vontade e o fenômeno se renova infalivelmente, sempre que sugerido às pacientes um novo objeto.

Ora, essas modificações das pupilas, provocadas nos catalépticos, e que não deixam de apresentar todos os fenômenos característicos da catalepsia, demonstram que, na alucinação, o objeto imaginário é visto exatamente como se fosse real, a provocar, pelo movimento, esforços de acomodação da pupila, de acordo com as leis que regulam a visão de um objeto real.”

Essas diversas e complexas modalidades pelas quais se manifestam as alucinações, por sugestão hipnótica, escapam totalmente à órbita explicativa dos *pontos de referência*.

Todavia, era inevitável e lógico que psicólogos e fisiologistas, despercebidos das hodiernas investigações metapsíquicas, considerassem os fatos como de natureza puramente subjetiva, ainda que essa explicação fosse inconciliável com os mesmos fatos.

Agora, tempo é de reconhecermos que, graças às modalidades características mediante as quais se operam as alucinações em apreço, devem elas ser consideradas em relação com as “formas do pensamento” entrevistadas pelos *sensitivos*, com as gravadas em placas fotográficas ou, ainda, com as que se concretizam e materializam nas sessões mediúnicas.

Tudo contribui, assim, para demonstrar que as alucinações hipnóticas pertencem à classe das projeções objetivas pelo pensamento.

Formas do pensamento

Já os magnetizadores da primeira metade do século passado haviam notado que os sonâmbulos não só percebiam o pensamento das pessoas com quem se punham em relação, sob a forma de imagens geralmente localizadas no cérebro, com também, eventualmente, fora dele, e mais ou menos imersos na “aura” da pessoa que, na ocasião, tinha na mente o pensamento correspondente à imagem.

Ainda agora, nos tempos que correm, Maria Reynes, clarividente sonâmbula e célebre pelas investigações do Dr. Pagenstecher sobre as suas faculdades psicométricas, deu a seguinte resposta a uma pergunta do seu hipnotizador:

“Quando me ordenam que veja, percebo o interior de meu estômago e nele, nitidamente, a úlcera que me atormenta, sob a forma de sangrenta mancha vermelha. Vejo a forma do meu coração e sinto-me capaz de ver o cérebro do doutor, desde que mo ordene.

Assim foi que, muitas vezes, lhe vi no cérebro a imagem radiosa da sua genitora, bem como de pessoas outras nas quais ele estava pensando, sem mo dizer.

E sempre que assim sucedia, confessava-me ele que as imagens por mim percebidas eram perfeitas.” (*American Proceedings of S. P. R.*, vol. XVI, pág. 113).

Os teósofos, que têm sempre muitas observações a respeito das “formas do pensamento”, afirmam, apoiados em declarações de seus videntes – entre eles Annie Besant e Leadbeater – que as ditas “formas do pensamento” não se restringem às imagens de pessoas e coisas, mas atingem as concepções abstratas, as aspirações do sentimento, os desejos passionais, que revestem formas características e estranhamente simbólicas.

A esse respeito, importa acentuar que as descrições teosóficas desse simbolismo do pensamento estão em surpreendente concordância com as dos clarividentes *sensitivos*.

Vamos aqui resumir o trecho de um livro (*Thought-formes*) de Annie Besant e Leadbeater, para compará-lo depois a uma outra passagem tomada às declarações de um *sensitivo* clarividente.

Eis o que a respeito dizem esses autores:

“Todo pensamento cria uma série de vibrações na substância do “corpo mental”, correspondentes à natureza do mesmo pensamento, e que se combinam em maravilhoso jogo de cores, tal como se dá com as gotículas de água desprendidas de uma cascata, quando atravessadas pelo raio solar, apenas com a diferença de maior vivacidade e delicadeza de tons.

O *corpo mental*, graças ao impulso do pensamento, exterioriza uma fração de si mesmo, que toma forma correspondente à intensidade vibratória, tal como o pó de licopódio que, colocado sobre um disco sonante, dispõe-se em figuras geométricas, sempre uniformes em relação com as notas musicais emitidas.

Ora, esse estado vibratório da fração exteriorizada do “corpo mental”, tem a propriedade de atrair a si, no meio etérico, substância sublimada análoga à sua.

Assim é que se produz uma “forma-pensamento”, que é, de certo modo, uma entidade animada de intensa atividade, a gravitar em torno do pensamento gerador...

Se esse pensamento implica uma aspiração pessoal de quem o formulou – tal como se dá com a maioria dos pensamentos – volteia, então, ao derredor do seu criador, pronto sempre a reagir de forma benéfica ou maléfica, cada vez que o sinta em condições passivas.

Estranhamente simbólicas as “formas do pensamento”, algumas delas representam graficamente os sentimentos que as originaram.

A usura, a ambição, a avidez, produzem formas retorcidas, como que dispostas a apreender o cobiçado objeto.

O pensamento, preocupado com a resolução de um problema, produz filamentos espirais.

Os sentimentos endereçados a outrem, sejam de ódio ou de afeição, originam “formas-pensamento” semelhantes aos projéteis.

A cólera, por exemplo, assemelha-se ao zig-zague do raio, o medo provoca jactos de substância pardacenta, quais salpicos de lama.”

Outro *sensitivo* clarividente, Sr. E. A. Quinton, também nota, a propósito das suas visualizações de pensamentos alheios, o seguinte:

“Em três grupos podem ser subdivididas as “formas-pensamento” por mim percebidas: as que revestem o aspecto de uma personalidade, as que representam qualquer objeto e as que engendram formas especiais...”

As inerentes aos dois primeiros grupos explicam-se por si mesmas; as do terceiro, porém, requerem esclarecimento.

Um pensamento de paz, quando emitido por alguém profundamente compenetrado desse sentimento, torna-se extremamente belo e expressivo. Um pensamento colérico, ao contrário, torna-se tão repugnante, quanto horrível.

A avidez e análogas emoções, por sua parte, originam formas retorcidas, curvas, semelhantes às garras do falcão, como se as pessoas que as emitem desejassem algo empalmar em benefício próprio.” (*Light*, 1911, pág. 401).

Pelo visto, dessas declarações ressalta a concordância de clarividentes e teósofos, no afirmarem que os impulsos pessoais da ganância e análogos desejos originam formas tortuosas do pensamento.

Essa é uma circunstância notável.

Naturalmente, no que se refere à realidade das formas *abstratas* do pensamento, não possuímos, até agora, outra prova além da resultante da uniformidade dos testemunhos de diversos clarividentes.

Todavia, apresso-me a declarar que, para as afirmações dos *sensitivos*, relativamente às formas concretas do pensamento – isto é, “pensamentos-formas” representando pessoas ou coisas – temos na fotografia uma prova absoluta, de vez que a chapa as registra.

Somos, destarte, levados a conceituar logicamente a declaração dos videntes, no que concerne às formas do pensamento *abstrato*.

E de fato já se tem demonstrado que, quando sonhamos com qualquer pessoa ou coisa, esta se concretiza em imagem correspondente.

Assim, tudo contribui para a suposição de que as idéias abstratas também devem concretizar-se em alguma coisa que lhes corresponda.

Resta ainda falar de um traço característico, ou faculdade que as “formas do pensamento” podem apresentar, qual a de, em circunstâncias especiais, subsistirem por mais ou menos tempo no ambiente, ainda que deste se tenha afastado, ou mesmo falecido, a pessoa que os engendrou.

É o que em linguagem metapsíquica se chama “persistência das imagens”.

Vou citar alguns exemplos desse gênero.

Neste primeiro episódio, as imagens pensadas ficam apenas algumas horas no ambiente em que foram engendradas.

Respiguei este fato da preciosa obra de Vicent Turvey *The Beginning of Seranship*, na qual o autor analisa as próprias faculdades de clarividente *sensitivo* e médium.

Antes de tudo, advirto que Turvey, falecido muito jovem, em conseqüência de uma tuberculose, era um perfeito cavalheiro, instruído e rico, que, prevendo o seu prematuro passamento, perseverou até ao fim no exercício gratuito das faculdades mediúnicas, em prol da causa espiritualista. Sempre que ocorriam fenômenos ou incidentes importantes, tinha ele o cuidado de obter dos experimentadores uma resenha dos fatos e, assim, utilizando essa documentação para ilustrar a sua obra, conferiu-lhe valor científico.

Essa obra contém vários casos de visualização de “formas-pensamento”, entre as quais esta:

“No dia 26 de fevereiro de 1908, bateu-me à porta um distribuidor de brochuras e revistas da *Sociedade de propagan-da cristã*, e acabou por conseguir que eu lhe comprasse um número da revista, a título de experiência.

De pronto, despertou-me atenção um artigo sobre o Espiritismo, no qual não se contestava a realidade dos fatos, mas atribuía-se-lhes uma origem diabólica.

Mandei entrar o visitante e logo engajamos, a propósito, viva controvérsia.

Por fim, com sói acontecer nestes casos, cada qual se retirou na suposição de haver batido os argumentos contrários.

Assim, não se retirou o adversário sem elevar a Deus uma prece, para que me abrisse os olhos à “verdadeira luz”.

Quereria com isso dizer me fora aniquilada a diabólica faculdade da clarividência – que sem embargo foi, desde os tempos mais remotos, o sinal dos servos e profetas de Deus –, e esclarecido o meu espírito de modo conformativo com as opiniões dele suplicante.

Isto feito, lá se foi, assegurando-me que dali por diante os diabos ficavam expulsos de minha casa.

Pouco depois, recostava-me ao sofá, para repousar e meditar, e eis que repentinamente me surgem três “diabinhos”, absolutamente idênticos ao tipo ortodoxo: corpo humano, pés de bode, pequenos chifres atrás das orelhas, cabelos lanudos, quais os dos negros, tez cobreada.

Francamente, confesso haver sido de susto a minha primeira impressão, e creio que o mesmo sucederia a qualquer outro observador.

Meu primeiro cuidado foi erguer-me, para melhor certificar-me de que não estava sonhando.

Sem embargo, lá estavam os diabinhos!

Alucinação... quem sabe? Mas a coisa era, nem mais nem menos, idêntica ao que se dava quando eu divisava os “es-

píritos”, nas sessões mediúnicas, espíritos esses sempre identificados por um assistente.

Concentrei-me, então, no intuito de atingir o estado que denomino “condição superior”, graças à qual as faculdades clarividentes se me tornam mais latas do que quando as utilizo em público.

Conseguido o meu *desideratum*, não tardou perceberse que os tais “diabinhos” não passavam de formas efêmeras, como se fossem figuras de papelão.

Os *Espíritos-guias* sugeriram-me, então, uma sentença cujo sentido ora me não corre, e que teve a virtude de desintegrar e dissolver instantaneamente os tais “diabinhos”.

Para dar idéia do seu desaparecimento, direi que eles se transformaram em pequenas nuvens, semelhantes à fumaça do alcatrão.

E assim me exprimo por serem tais a cor e o cheiro dessas “formas-pensamento”, engendradas por um indivíduo que, de boa fé, acreditava houvesse Deus criado seres maléficis com pés de bode, no intuito de atormentar a Humanidade.”

Essas “formas-pensamento” aparecidas a Turvey, posto que curiosas, interessantes, devido às circunstâncias especiais em que se produziram, são na realidade absolutamente idênticas às “formas” percebidas pelos clarividentes.

Apenas, como já o disseram, elas apresentam o traço característico, assaz raro, de haverem persistido algum tempo no ambiente em que foram engendradas, o que depende da intensidade do pensamento emitido.

E daí observar-se que, habitualmente, as formas persistentes por longo tempo são as que se prendem a situações emocionantes, tragicamente intensas no agente provocador.

É provável, portanto, que certas aparições de fantasmas, *inertes e sem vida* nos sítios mal-assombrados, não passem de “formas-pensamento” engendradas na mente da pessoa tragicamente falecida em tais sítios.

Importa frisar que nos repositórios de comunicações mediúnicas, desde Allan Kardec a Stainton Moses, encontram-se mensagens de entidades espirituais com alusões à possibilidade de formas fantasmáticas, ou assombrações, que são puras “formas de pensamento”.

Essa possibilidade é também confirmada em certos casos, *a posteriori*, pela contraprova da identificação pessoal da “forma-pensamento” percebida.

Assim, por exemplo, ocorre no seguinte caso extraído da obra de Myers, tratando da *Consciência Subliminal*. (*Proceedings of the S. P. R.*, vol. IX, pág. 79).

No caso ocorrente a médium era a srta. A..., muito distinta e instruída, perfeitamente a par dos métodos de investigação científica, que permitem o resguardo das sugestões inconscientes.

Convidada pela condessa Radmor, em sua residência de Longford, obtivera, no curso de uma experiência de escrita automática, a seguinte comunicação oriunda da entidade Estele, que habitualmente se manifestava por seu intermédio:

“– Perguntas-me o que vejo neste ambiente. Aqui o tens: vejo muitas “sombras” e alguns Espíritos; vejo, igualmente, um certo número de “coisas refletidas”. Saberás informar-me se no quarto de cima morreu alguma criancinha mais ou menos de repente?

– Por que mo perguntas?

– Porque diviso constantemente a sombra de uma criancinha lá no quarto junto ao teu.

– Mas, é só uma “sombra”?

– Sim, exclusivamente.

– Que queres com isso dizer?

– Que uma sombra se forma quando alguém pensa de modo intenso e constante em outra pessoa, gravando-se assim, no meio ambiente, a sombra e a recordação do pensamento.

É uma forma objetiva do pensamento, o que, por conseguinte, me leva a crer que os pretensos fantasmas dos assassinados, como dos que sucumbem de morte violenta, são, as mais das vezes, sombras ou “imagens”, que não “Espíritos confinados”.

É antes a conseqüência do pensamento do assassino, que, obsidiado pela idéia do crime cometido, projeta exteriormente a sombra ou imagem da sua vítima.

Ao demais, seria para lamentar que as almas sofredoras, depois de haverem sofrido no mundo, fossem quais fossem as suas faltas, ainda devessem penar aqui, sob a forma de “Espíritos confinados”.

Não esqueças, contudo, que estes existem realmente e são numerosos.”

A propósito, assim se externa a condessa Radmor:

“Com referência à comunicação supra, confirmo a morte de um irmãozinho de tenra idade, em conseqüência de convulsões e precisamente no quarto inculcado pela presença da “forma”. O que não posso atinar é como a srta. A... pôde adivinhar e, sobretudo, indicar o quarto em que se dera o falecimento.”

Esta declaração da condessa patenteia que o caso em apreço equivale a uma prova de identificação pessoal, confirmativa das afirmações da personalidade mediúnica.

Assim se demonstra o bom fundamento da tese por nós sustentada, concernente à realidade objetiva das “formas-pensamento”, e a possibilidade da sua persistência mais ou menos longa nos ambientes em que se formam, desse modo originando um grupo especial de “fantasmas assombradores”.

É também de notar-se que no livro recente de H. D. Bradley, *Towards the Stars*, encontram-se declarações idênticas, provenientes de personalidades mediúnicas, através dos célebres médiuns Srs. Osborn Leonard e Travers-Smith.

Eis, por exemplo, o que diz a personalidade mediúnica de “Johannes”, pelo médium Leonard:

“É-me preciso, em primeiro lugar, explicar-lhe em que consistem os fantasmas em questão.

São fantasmas do vosso cérebro. Não são espírito nem matéria.

Consistem num elemento de atividade intelectual, que deixou atrás dela a sua impressão.

Só os possuidores de faculdades psíquicas muito desenvolvidas podem perceber essas “formas-pensamento”.

Perguntas-me porque alguns desses fantasmas se formam em determinados meios e não noutros, onde mais lógica seria a sua aparição. É que o fenómeno depende da intensa vitalidade da idéia geratriz. Uma prisão, um manicômio, são indubitavelmente os ambientes menos suscetíveis de assombramentos, porque também mais desertos de esperanças e atividades vitais.

Muito mais provável é, portanto, que o fantasma de um assassino assombre o local do seu crime do que o de sua execução quando condenado pela justiça humana.” (Pág. 272).

E Astor, o *Espírito-guia* de Travers-Smith, adverte por sua vez:

“Os fantasmas, isto é, as “formas-pensamento”, aparecem às vezes espontaneamente, devido a emoções terríveis, conjugadas ao pavor que lhes causam os elementos necessários à sua exteriorização. Assim se compreende não seja a Torre de Londres um lugar assombrado. Tendo sido um presídio, parece-me, vale por um ambiente no qual a mentalidade dos encarcerados se tornava obtusa, devido à triste monotonia da própria condição, desprovida de qualquer sentimento emocional ou passional, ou seja, assim um estado de desesperação resignada. E o desespero não é elemento propício à formação de fantasmas.”

Antes de passar a outro assunto, vou ainda relatar um episódio cuja interpretação é, antes de tudo, embaraçante.

O Sr. Joseph Briggs publicou a ata de uma sessão realizada em sua casa, com a famosa médium Sra. Everitt, criatura rica, que apenas trabalhava por amor à causa.

Omito as manifestações obtidas, para só tratar do que nos interessa. Diz o narrador:

“Notável incidente veio misturar-se às manifestações, quando um dos assistentes, o Sr. Aron Wilkinson, dotado de clarividência, exclamou de repente: “Um papagaio pousa-me no ombro e agita as asas... Agora, voou sobre a Sra. Everitt...” (A Sra. Everitt estava assentada do outro lado da mesa).

Ela declara, por sua vez, estar sentindo o contacto da ave.

Wilkinson continua: “Agora o papagaio canta o *God Save the Queen* (o hino real). Agita novamente as asas, sobe, eilo que se foi”.

Episódio incompreensível para todos, menos para a Sra. Everitt, que logo o explicou, contando que havia meses se incumbia de guardar um papagaio, que muito se lhe afeioara.

Ainda na véspera recebera de casa uma carta, na qual lhe informavam que o bicho aprendia rapidamente a cantar o hino real.

Todos os presentes ignoravam o fato e há a considerar que a Sra. Everitt reside em uma província distante.

Este incidente é único no rol de minhas experiências.” (*Light*, 1903, pág. 492).

Não há dúvida de que o episódio em apreço se explica por um fenômeno de objetivação do pensamento subconsciente da Sra. Everitt.

A circunstância de haver na véspera recebido uma carta, em que se lhe informara que o papagaio aprendera a cantar o hino a que aludira o clarividente Wilkinson, não serve senão para demonstrá-lo ulteriormente.

Não obstante, a descrição do vidente, combinada com a afirmativa do médium, de lhe haver sentido o contacto, tenderia a

provar a presença de uma materialização da imagem de um papagaio, e não da mera objetivação de uma “forma fluídica de pensamento”.

E isto é ainda mais verossímil se considerarmos que a Sra. Everitt possuía notáveis faculdades de materialização.

Assim sendo, esse episódio pertenceria à categoria dos fenômenos de *ideoplastia*, de que nos vamos ocupar mais adiante.

Se se tratasse realmente da materialização de imagem subconsciente, dever-se-ia, contudo, notar uma circunstância primariamente excepcional: a de serem as materializações do pensamento, com raras exceções, constantemente “plásticas”, ou seja, “inanimadas”, ao passo que, no caso vertente, o papagaio materializado teria voltejado pela sala, como se fora um ser vivente.

Sem embargo, poder-se-ia sustentar que o fato também pode ser explicado pela ação da vontade subconsciente do médium, que poderia ter agido a distância sobre a sua própria criação ectoplásmica, determinando-lhe os movimentos.

Termino a segunda parte desta obra, advertindo que, até aqui, não se cogitou senão de modalidades de “objetivação de pensamento” que não fossem suscetíveis de demonstração experimental, propriamente dita.

Doravante, porém, nossas pesquisas se prenderão a duas categorias de fatos, graças aos quais atingimos a prova experimental científica da existência incontestável de uma projeção objetivada das “formas-pensamento”, observadas pelos videntes.

Assim, constataremos ao mesmo tempo a existência provável de uma projeção objetivada do pensamento, seja nos casos alucinatórios provocados por sugestão hipnótica, seja nos de alucinação espontânea ou voluntária entre os artistas e, em geral, nas alucinações patológicas propriamente ditas.¹

Fotografia do pensamento

A expressão “fotografia do pensamento” parece-nos, não pode ser aplicada senão a uma parte das manifestações compreendidas nesta classe de experiências.

De fato, para obter algumas de entre elas, não há necessidade de “pose” diante do aparelho fotográfico.

A chapa é diretamente impressionada, mantendo-a o experimentador na maioria dos casos colocada na frente, e concentrando intensivamente o pensamento na imagem a exteriorizar.

Algumas vezes, é o papel sensibilizado que se impressiona diretamente.

As manifestações destas últimas categorias, obtidas à revelia da máquina fotográfica, são designadas na América pela palavra *psicografia*. Mas, como esse vocábulo já se emprega nos fenômenos de “escrita direta em ardósias”, admitiu-se posteriormente a palavra “escotografia” (*impressão na obscuridade, por antinomia de fotografia propriamente dita, que é impressão luminosa*).

Trata-se de um vocábulo proposto pela srta. Felícia Scatcherd, que se tornou conhecida por experiências dessa natureza.

A propósito de “escotografias” como de “fotografias do pensamento”, convém notar que os resultados obtidos, quando o experimentador se propõe a realizá-las e concentra o pensamento em dada imagem, limitam-se a coisas muito simples, tais como esferas, triângulos, garrafas, bengalas, sem atingir jamais imagens complexas, tais como um rosto ou uma forma humanas.

Os melhores resultados, com a reprodução de fisionomias e indivíduos, foram obtidos *fortuitamente*, isto é, quando não havia propósito de fotografar uma “forma-pensamento”, ou seja, uma “escotografia”.

Mas nestes casos se constata, infalivelmente, que a imagem gravada na placa fotográfica havia no momento, ou um instante antes, atravessado a mente do experimentador.

Tudo isso demonstra, mais uma vez, que, nas manifestações supranormais da *psique*, a vontade constitui obstáculo à sua livre manifestação.

Noutros termos: isso demonstra que as faculdades supranormais da *psique* pertencem à parte integral subconsciente e, por conseqüência, que a personalidade consciente não pode utilizar essas faculdades senão de modo excepcional e rudimentar.

Ao empregar neste momento, em acepção genérica, o termo “fotografia do pensamento”, direi que as primeiras tentativas desse gênero remontam ao ano de 1896, quando o comandante Darget e mais um seu amigo, persuadidos de que o pensamento era uma força exteriorizável, resolveram concentrar o próprio pensamento em determinada imagem, a fim de projetá-lo sobre uma placa fotográfica.

A 27 de maio de 1896, Darget fixou em chapa sensibilizada a imagem muito nítida de uma garrafa, na qual pensara com tanta intensidade, que lhe acarretou forte dor de cabeça.

Essa experiência foi repetida a 5 de junho do mesmo ano, com pleno êxito, e assim relatada:

“Tendo o Sr. Aviron dito que para afastar toda a objeção de acaso ou coincidência conviria obter ainda outra garrafa, pelo mesmo processo, resolvemos tentá-lo.

E nem por isso deixamos de lhe beber do conteúdo – uma bela aguardente –, nem deixei eu de fitá-la por longo tempo.

Subindo à câmara escura, tentava o mesmo processo, colando os dedos na chapa; e quando os vimos marcados, retiramo-la, fixada e levada, para procurar a garrafa, que, por fim, encontramos.

Mas, no dia seguinte, ao fazermos a revelação em papel, o que mais nos impressionou foi uma figura de mulher, com uma cabeleira característica.

Tratava-se, incontestavelmente, de um Espírito que pretendia fotografar-se.” (*Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*, 1904, pág. 643).

Darget talvez tenha razão nessa afirmativa, visto que ele e o companheiro não só não pensavam, absolutamente, em qualquer pessoa, como jamais conheceram a mulher cujo semblante ficara impresso na chapa fotográfica.

Somente passados alguns dias, no curso de uma sessão em casa do conhecido escritor Sr. Léon Denis, é que tiveram a manifestação de uma personalidade que se denominou Sofia e declarou ter sido ela quem, auxiliada por outros Espíritos, realizara o fenômeno.

Aliás, a sua identidade foi estabelecida, como mercadora de legumes em Amiens, falecida pouco tempo antes.

A *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme* reproduziu essa “escotografia”, na qual o rosto da manifestada está bem visível, acima da garrafa.

Prosseguindo nas experiências, Darget conseguiu a “escotografia” de uma bengala, bem como a forma um tanto vaga de um grande pássaro.

Depois, enfraqueceu-se-lhe rapidamente a faculdade, até que de todo desapareceu.

Na mesma época, o americano Inglês Rogers foi levado, pelo acaso, a cuidar da “fotografia do pensamento”.

Quando na câmara escura desenvolvia as suas chapas, sucedeu-lhe certa vez fixar fortuitamente uma chapa diante de si, ao mesmo tempo em que pensava intensamente noutra coisa.

Ao revelar essa chapa, descobriu nela uma impressão que não poderia ser acidental.

Decidiu-se, então, a repetir a experiência, pensando e fixando intensivamente uma moeda.

A experiência foi positiva e isso o levou a renová-la alguns dias depois, perante uma comissão de médicos, fixando com êxito um carimbo postal.

Um ano antes das experiências de Darget, o Cel. Albert de Rochas tinha obtido casualmente uma “fotografia mental” com Eusápia Paladino. (Experiências de Agnelas).

Eis como a esse fato ele se refere:

“Na minha presença, certo dia, quis o Sr. M. de Watteville fotografar Eusápia entre o conde de Gramont e o Dr. Dariieux.

Feita a “pose”, pilheriava eu com o Dr. Dariieux a propósito da sua pequena estatura e por haver ele metido a mão na cava do colete, dizendo-lhe que, nessa atitude, lembrava Napoleão.

A “pose” não se modificou por isso, mas o que ninguém previa era o perfil de Napoleão a destacar-se nitidamente no fundo e acima da beirada de um vaso, à guisa de pedestal, sem que algo pudesse explicar essa aparência, a despeito de reiteradas experiências feitas no mesmo local.

Ainda hoje, a mim mesmo pergunto se o nome de Napoleão não teria despertado em Eusápia a lembrança de um busto por ela visto, e se tal lembrança não teria *coagulado* a matéria fluídica que emana quase constantemente das suas zonas hipnógenas.” (*Annales des Sciences Psychiques*, 1908, pág. 283).

Este outro caso, análogo ao precedente, é também interessante:

“Em 1905, o Sr. F. C. Barnes, industrial australiano muito conhecido no seu país, foi à casa do médium fotógrafo Bournell, na expectativa de obter, com o seu próprio retrato, uma manifestação espírita. Mas, contrariamente aos seus desejos, quando se revelou a chapa, o que apareceu sobre a cabeça dele, Barnes, foi o retrato, assaz nítido, da imperatriz Elisabeth, da Áustria.

Esse retrato existia, tal qual, no frontispício de um livro intitulado *The Martyrdom of an Empress*, que o Sr. Barnes havia lido e o levava a pensar muitas vezes na falecida soberana.” (*Annales des Sciences Psychiques*, 1912, págs. 217-218).

No caso de Eusápia, A. de Rochas supõe logicamente que uma matéria fluídica, emitida pela médium, se coagulasse em

torno da imagem mental aflorada involuntariamente na mente da médium, para dar lugar, assim, a uma fotografia mental.

No caso do Sr. Barnes, as modalidades de exteriorização seriam algo diferentes, pois a imagem que ficou impressa na chapa havia sido produzida na mente do próprio experimentador.

Portanto, dever-se-ia admitir que os fluidos desprendidos pelo médium sejam eventualmente atraídos pela imagem exteriorizada, que lhe oferece o experimentador, e podem condensar-se de feição suficiente para tornar a imagem fotografável.

Essas conclusões têm enorme valor teórico.

É forçoso reconhecer, ao mesmo tempo, que elas representam a “hipótese menos ampla” que possamos formular a respeito.

Ao demais, a análise comparada dos fatos não faz mais que demonstrar a necessidade, a legitimidade, a firmeza inquebrantável dessas conclusões.

Com mais vagar, falaremos de algumas outras hipóteses, secundárias, complementares das que ora expusemos e às quais somos forçados a recorrer para tomar conhecimento dos fatos.

*

Passemos agora à citação de algumas experiências do mesmo gênero, realizadas pela srta. Felícia Scatterd.

Antes do mais, acentuarei que essa investigadora pertinaz praticou a radiografia, a fotografia transcendental e a “escotografia” durante cerca de quarenta anos.

Também por isso, era considerada como pessoa das mais competentes no assunto.

Ela teve ocasião de fazer experiências com o comandante Darget, com o Dr. Baraduc, com Guillaume de Fontenay, com o arcediogo Colley.

Já dissemos ter sido ela quem propôs o vocábulo “escotografia” para designar as impressões supranormais obtidas sem aparelho fotográfico.

A propósito das suas experiências com o arcediogo Colley, é curioso assinalar o seguinte incidente por ela mesma relatado no

decurso de uma conferência que fez na sede da *Aliança Espiritualista de Londres*, no dia 3 de fevereiro de 1921, e que a revista *Light*, do mesmo ano (pág. 206), transcreveu nestes termos:

“A título de exemplo, concernente ao perturbador problema da “fotografia do pensamento”, a srta. Scatcherd contou o seguinte episódio:

O arcediogo Colley contrariava-se freqüentemente com o fato de, nas fotografias transcendentais, a cabeça do “espírito” ficar envolta em uma nuvenzinha circular, em forma de auréola.

Ora, um dia foi ele retratar-se na companhia de um amigo, mas, desta feita, por motivo inteiramente alheio a pesquisas experimentais.

E eis que, com grande surpresa sua, lhe aparece na chapa a própria cabeça envolta em pequena nuvem semelhante a um halo.

A srta. Scatcherd, que estava presente, perguntou ao arcediogo qual a pessoa em que havia pensado no momento da “pose”.

Houve um instante de hesitação, passado o qual ele confessou que estava preocupado com a situação de um amigo, vítima de terrível crise moral, e que, por isso mesmo, formulara uma prece íntima a favor desse amigo.

Retruca-lhe, então, a srta. Scatcherd:

“– Neste caso, espero que doravante não se aborreça com o aparecimento das auréolas espíritas, para lhes reconhecer o extraordinário valor técnico, na fotografia.

“Assim é que os santos sempre foram vistos com essa mesma auréola, cuja existência acaba de revelar-se sobre a sua frente.”

A revista *Light* reproduz a fotografia em apreço, na qual se verifica que a auréola do arcediogo Colley é absolutamente análoga às que aparecem nas fotografias transcendentais.

Conhecem-se, ao demais, várias outras fotografias idênticas, de pessoas que, no momento de tirá-las, estavam absorvidas por cogitações profundas.

Justo fora, portanto, inferir que, nestes casos, a auréola corresponde à substância fluídica, ou etérica, desprendida do órgão cerebral, quando intensamente trabalhado pelo pensamento, tal como nas fotografias de cooperação mediúnica e nas aparições de formas transcendentais, essa auréola se forma da substância fluídica, desprendida pelo médium, e graças à qual fotografáveis se tornam as imagens criadas pelo pensamento dos assistentes, ou pela vontade dos desencarnados.

Este segundo fato, também respigado das experiências da srta. Scatcherd, ocorreu espontaneamente na presença do arcediogo Colley, que era um poderoso *sensitivo*, tanto quanto o era a mesma senhorita:

“A 5 de julho de 1910, em virtude de urgente chamado, encaminhei-me apressadamente à estação e aí tomei o comboio para Stokton Rugby, onde reside o arcediogo Colley, tencionando regressar à noite desse mesmo dia.

Como estivesse ameaçando chover, ao partir apenas sobrepus uma capa impermeável ao caseiro vestido branco que trazia.

Não tendo sido possível regressar à noite, por falta de comboios, tive de pernoitar no presbitério.

Na manhã seguinte, à hora da partida, teve o arcediogo Colley a lembrança de me fotografar no jardim.

Colocou a placa no chassis, regulou o aparelho e chamou-me.

Durante a “pose”, por sinal rapidíssima, lembrei-me abruptamente da minha apressada partida na véspera, que me não permitiu tomar um vestido de passeio, e disse a mim mesma: “com aquela minha blusa bordada, certo, agora ficaria mais bem retratada”...

Dias depois, recebi um exemplar da dita fotografia. O arcediogo não tivera outro intuito, ao tirá-la, que o de possuir

o meu retrato e, assim sendo, ficou surpreso ao descobrir ao meu lado uma forma espiritual...

Mas, a mim o que me causou maior admiração foi o evidente esboço de reprodução da minha blusa bordada, aquela mesma blusa que eu imaginara no momento de “posar”, e que lá ficara bem arrumada no meu guarda-roupa.

Empreguei deliberadamente a palavra “esboço”, porque o desenho dos bordados não está visível; mas vê-se sobre o meu busto uma blusa diáfana, quando a que eu vestia, realmente, não passava de uma leve camiseta.

O que prova a identidade da blusa, por mim imaginada, é o arredondado das suas pontas, quando todas as demais que possuo as têm quadradas.

A título de contraprova, tomei o mesmo vestido que levava a Stokton Rugbi e fiz-me refratar no intuito de me certificar se a camiseta não continha costuras, pregas, ou quaisquer combinações outras, fortuitas, imperceptíveis o olho nu, porém, capazes de produzir uma imagem fictícia da blusa.

Nada disso encontrei, como, aliás, eu esperava.” (*Light*, 1913, pág. 356).

Noutro artigo da srta. Scatcherd sobre o mesmo assunto – artigo inserto em o número de fevereiro de 1921, pág. 126 – veio reproduzida a fotografia em questão, e nesta vemos a srta. Scatcherd de pé, da altura dos joelhos para cima.

A fotografia não é perfeita e a “forma espiritual” reduz-se a pequena nuvem ectoplásmica; mas o desenho diáfano, da blusa inexistente, é nítido e indubitável.

Este outro incidente narrado pela srta. Scatcherd é curioso e interessante:

No dia 24 de fevereiro de 1923, foi ela a Crew, visitar os famosos médiuns Srs. Hope e Buxton, com os quais entretinha velhas e amistosas relações, de dezesseis anos.

Levava consigo um pacote de chapas fotográficas, embora sem o intuito de utilizá-las, pois o seu fim era apenas trocar

idéias a respeito de uma projetada série de conferências na sede da *Sociedade de Investigações Psíquicas*.

Os três interlocutores não chegaram a um acordo sobre determinados pontos do dito projeto, e destarte decidiram recorrer aos seus “guias espirituais”, que costumavam manifestar-se por mensagens impressas em chapas fotográficas.

Retiradas do pacote duas chapas, a srta. Scatcherd marcou-as, assinou-as e lhes apôs um sinal especial e diferente para cada uma, antes de introduzi-las nos “chassis”, que foram colocados nos aparelhos.

Feitas as “poses” e reveladas as chapas, encontrou-se em uma delas a desejada mensagem, enquanto na outra, com grande estupefação dos médiuns, apareceu nítida, por trás do rosto da srta. Scatcherd, uma tampa de caixão funerário.

E ela acrescenta, então:

“A forma estranha da “tampa de caixão”, formada pelo ectoplasma condensado atrás de mim, não é, provavelmente, senão uma prova a mais da faculdade que tem a inconsciência para criar e objetivar imagens, como tantas vezes sucede nas experiências de fotografia transcendental.

Convém advertir, a propósito, que sábado à noite, em chegando à casa dos médiuns, aí encontrei algumas pessoas que regressavam das exéquias de um membro da Igreja Espiritualista de Crew.

Por outro lado, há a considerar que a filha do médium Sr. Buxton tinha, no mesmo dia, carregado o féretro de uma criança falecida na casa fronteira.

E quando, no dia seguinte, “posava” para tirar essa fotografia, o Sr. Buxton se encontrava na Igreja Anglicana, assistindo às exéquias da referida criança.” (*Light*, 1923, pág. 252).

Evidente é que a coincidência dos dois enterros com a experiência em apreço – e que afetavam pessoas da família dos médiuns –, tende a provar que a tampa do caixão, aparecida na chapa, filia-se ao fenômeno da fotografia mental.

Todavia, não é fácil determinar a subconsciência que teria fornecido tal imagem.

A da srta. Buxton seria a mais inculcável, por ser filha do médium e ter sido uma das pessoas que levaram o esquife ao cemitério; mas é preciso considerar também que ela não se encontrava em casa, no momento da experiência.

Entretanto, como assistia na ocasião ao enterramento da criança, esta circunstância poderia favorecer a projeção de um pensamento subconsciente, no gênero do que ficou impresso na placa fotográfica.

Poder-se-ia, ao demais, presumir que, estando todas as pessoas daquele ambiente mais ou menos impressionadas pelo acontecimento mais importante daquele dia – os dois enterros em que tomaram parte – a idéia geral de esquife estivesse, por assim dizer, no ar.

E assim, graças à circunstância favorável da presença de dois médiuns, uma imagem coletiva pudesse, talvez, concretizar-se o suficiente para impressionar a chapa fotográfica.

A *Light* reproduz a fotografia e nesta vemos a tampa do caixão por trás da srta. Scatcherd, nitidamente.

Nem há dúvidas possíveis: o que ali está é bem uma tampa de caixão.

Parece-me, portanto, impossível formular outra hipótese explicativa, fora daquela que afirma a existência de uma relação de causa e efeito: de um lado, os enterramentos ocorridos na localidade em que se realizou a experiência, e de outro lado o fenômeno da tampa de caixão surgida na placa sensibilizada.

Notarei mais, com relação à autenticidade do fenômeno, que no canto esquerdo da chapa reproduzida pela *Light* aparecem nítidas as três siglas que a srta. Scatcherd lhe havia apostado, a título de controle.

Esgotado, assim, o assunto de um dos fenômenos produzidos nas circunstâncias de que nos ocupamos, resta falar do outro: a mensagem obtida na chapa fotográfica.

Eis o texto dessa mensagem, ou antes, mais exatamente, dessas duas mensagens recebidas:

“Amigos,

Estou pronto para guiar-vos com os meus conselhos. Não aceitem desafios. Não seria curial esperar boa acolhida daqueles que *mentiram* com referência a Stead. Não se iludam pensando que eles os poupem.

Arcediago Colley.”

“Caro Hope,

Penso como o arcediago Colley. Não hesites, não te impressiones, vai a Londres.

W. T. Stead.”

A srta. Scatcherd assinala que a primeira mensagem, assinada pelo arcediago, é a reprodução perfeita da sua caligrafia humana, e acrescenta que o fato de haver sido duplamente sublinhado o vocábulo *mentiram* é outro traço característico do signatário, que, quando na Terra, assim procedia invariavelmente na sua correspondência epistolar.

Essa variedade de mensagens fotográficas ocorre frequentemente nas experiências de fotografia transcendental, de molde a reabrir o debate quanto às modalidades da fotografia transcendental, em geral. A propósito, preciso advertir que essas mensagens supranormais não são obtidas apenas quando se introduz a chapa no aparelho, e sim com esta fora dele.

Esta última modalidade do fenômeno leva-nos a supor que, também nos casos da chapa introduzida, não se trata de uma escrita substancial, exposta à objetiva, mas gravada diretamente na placa sensível, talvez auxiliada por minúsculo raio de luz ultravioleta, à guisa de pena.

Aditarei que o mesmo acontece no caso das fotografias transcendentais, de formas espirituais ou de formas mentais, obtidas mesmo com a chapa fora do aparelho.

É racional concluir, portanto, que também nos casos de fotografia transcendente, seja de formas espirituais, seja de “formas-

pensamento”, tudo contribui para demonstrar que o fenômeno não se verifica mediante a interposição de imagens substanciais diante da objetiva fotográfica, mas, antes, devido a um processo misterioso, que atua diretamente sobre a chapa, nela desenhando formas humanas ou escrevendo mensagens.

O Sr. James Coates, autor do livro *Fotografando o Invisível*, com a autoridade de quem se especializou no assunto, a propósito dessas fotografias assim termina um de seus artigos:

“Em conclusão, aprendemos o suficiente para nos convenceremos do muito pouco que sabemos relativamente às modalidades ou processos de produção das fotografias supranormais.

Por outro lado, aprendemos que os supostos meios pelos quais se realizam essas fotografias, pressupondo que a forma do espírito se posta em face da objetiva, não são confirmados pelo exame dos fatos.

Assim é que, utilizando diversos aparelhos e focalizando as objetivas um dado ponto, a impressão apenas se dá em um aparelho.

Obvio, portanto, que se naquele ponto houvesse algo de substancial, todos os aparelhos o registrariam.

Com estes artigos espero haver demonstrado que os processos, graças aos quais se operam as fotografias experimentais, são certamente múltiplos, ao passo que as últimas experiências demonstram que as Inteligências operantes não se limitam a empregar sistemas de antemão fixados...” (*Light*, 1921, pág. 122).

Assim se exprimindo, não pretende o Sr. Coates negar a existência das formas espirituais autênticas, do pensamento, que não sejam substâncias, fotografáveis e fotografadas.

Ele quer somente dar a entender que as Inteligências operantes conseguem obter o fenômeno em apreço sem necessidade de recorrer à objetivação de imagens substanciais, o que é uma verdade incontestável.

De qualquer forma, para sermos corretos na ilação dos fatos, notarei que a circunstância da convergência de várias objetivas, com a só impressão de uma imagem supranormal, não basta para demonstrar que no ponto dado não houvesse nenhuma forma, qualquer imagem substancial.

Lembrarei, a propósito, um caso que se lê no livro intitulado *From the other side*, publicado em 1925, por J. H. Miller.

Esse investigador perguntou à Inteligência operante em que consistiam os efeitos exercidos pelos fluidos sobre as chapas fotográficas, e foi-lhe respondido: “*no fato de se tornar a chapa indicada mais sensibilizada do que as outras*”.

Ora, esta explicação, absolutamente racional e aceitável, é teoricamente preciosa, porque leva logicamente a considerar que, “se a chapa indicada se torna mais sensibilizada”, este fato explica de modo admirável o motivo pelo qual, na convergência de várias objetivas para um dado ponto, só uma chapa fica impressionada pela imagem substancial lá existente.

Ao demais, há um fato tendente a demonstrar que, se é verdade que algumas pretensas fotografias de imagens supranormais são, na realidade, desenhos, menos verdade não é que numerosas imagens dessa espécie devem ser, positivamente, formas espirituais projetadas de fora da chapa fotográfica.

É o caso dos clarividentes que, quando assistem a quaisquer sessões, descrevem de antemão as formas espirituais que se colocam diante da objetiva, concordando as suas descrições com o resultado da fotografia.

Lembrarei, neste particular, o episódio do Rev. William Stainton Moses, que diz perceber à direita do Dr. Speer (o qual “posava” diante da objetiva) uma forma por ele minuciosamente descrita, tal como apareceu posteriormente na chapa revelada.

O Dr. Speer, por sua vez, reconheceu nesse retrato uma sua irmãzinha falecida quarenta anos antes, na idade correspondente à imagem obtida.

Igualmente lembrarei as experiências bem conhecidas do Sr. Beattie, durante as quais os *sensitivos* previamente descreviam as

formas que se apresentavam diante da objetiva e cuja autenticidade ficava depois invariavelmente averiguada.

Ora, se levarmos em conta a frequência dessas descrições antecipadas, das formas que devem impressionar e aparecer depois nas placas sensíveis, seremos forçados a concluir que os casos de objetivação propriamente dita de formas espirituais e de imagens mentais são mais numerosos do que aqueles em que a fotografia é um desenho supranormal, executado sobre a placa sensibilizada.

Dada essa explicação, volto à narrativa de outros exemplos de fotografias do pensamento.

A Sra. Cordélia A. Grylls enviou à *Light* (1921, pág. 559) o seguinte relato de um episódio com ela mesma ocorrido.

Começou por dizer que uma de suas amigas, tendo perdido a mãe e desejando obter desta uma fotografia mediúnica, lhe escreveu pedindo um conselho.

A Sra. Grylls conduziu-a à casa de um senhor de suas relações, possuidor de notáveis faculdades mediúnicas, posto que de longa data houvesse deixado de exercê-las.

Recebidas amavelmente e atendidas no que desejavam, fizeram seis “poses” e voltaram mais tarde para conhecer o resultado.

E continua dizendo a Sra. Grylls:

“Na sexta chapa, sobre a qual estava retratado o Sr. X..., percebiam-se nitidamente luminosidades e nuvens em torno do seu busto.

Na quinta chapa, com o meu retrato, via-se profundamente impressa a imagem de um pêndulo!

Minha amiga e eu reconhecemos logo nessa imagem um símbolo transmitido por meu pai, em quem eu havia pensado intensamente durante a “pose”.

O pêndulo em questão é absolutamente semelhante ao de um relógio.

Ele tem na fotografia o comprimento de 23 milímetros e fica distante sete milímetros do meu perfil, como se meu olhar nele se fixasse.

Convém esclarecer, a propósito, que havia alguns meses vinha eu recebendo comunicações de uma entidade que se dizia ser meu pai, e isto justamente pelo *processo do pêndulo oscilante*.

Meu pai informou ter sido ele quem projetou a imagem do pêndulo na chapa, a fim de me demonstrar que eu possuía faculdades materializantes, que ele definiu por “aptidão para tomar conhecimento do invisível”.

Note-se que a representação é fruto do seu, e não do meu pensamento.”

Tal a opinião da senhora que relata a experiência, com relação à origem extrínseca da imagem obtida.

Não há razão para impugnar essa opinião como carente de fundamento, mas como não possuímos provas positivas a respeito, deixaremos de considerá-la, para concluir advertindo que, se aí supusermos um fenômeno de objetivação mental, é forçoso convir em que, de acordo com as regras expostas no princípio deste capítulo, a imagem do pai não se objetivou, justamente porque a Sra. Grylls nele pensava intensivamente, ao passo que a do *pêndulo oscilante*, no qual não pensava no momento, mas vibrava nos reflexos do seu subconsciente (de vez que era o instrumento mediúnico por ela habitualmente utilizado), pôde concretizar-se e impressionar a chapa.

Muito notável, também, essa afirmativa de um “Espírito”, de consistir a faculdade materializante dos médiuns, na “aptidão para tornarem visíveis os pensamentos”, em concordância perfeita com a tese por mim sustentada nesta obra e, sobretudo, com a análise comparativa dos fenômenos de fotografia transcendental.

Melhor ainda, casa-se ela com os fenômenos da *ideoplastia*.

Em outros termos: tudo contribui para demonstrar que a faculdade de “tornar visível o pensamento” é uma faculdade eminentemente espiritual, que, no decurso da existência corporal, emerge de modo rudimentar e esporádico nos médiuns e *sensiti-*

vos, para se tornar faculdade normal no mundo espiritual, após a crise da morte.

Este outro caso contém pormenores teoricamente decisivos para o meu ponto de vista. Veio publicado na *Light*, de março de 1921 (pág. 172), acompanhado das respectivas fotografuras:

“No passado mês de agosto, os Srs. Goodwin e West dirigiram-se a Crew a fim de visitarem os médiuns Sr. Hope e Sra. Buxton.

Experimentaram diversas “poses” e numa das chapas obtiveram o retrato supranormal de um cunhado do Sr. West, falecido seis anos antes.

No mês de outubro, repetiram de surpresa a visita.

O Sr. West levava consigo um medalhão porta-retrato, no qual havia uma fotografia do cunhado, no intuito de mostrar ao médium Hope a semelhança perfeita dos traços fisionômicos do defunto com a prova obtida meses antes.

Premunira-se igualmente de algumas chapas, na esperança de poder realizar novas experiências.

O médium Hope anuiu de bom grado a uma outra sessão, e quando os quatro circunstantes se assentaram em torno da mesa, para se concentrarem e orarem, o Sr. West tirou do bolso o medalhão e mostrou-o aos médiuns, que reconheceram a perfeita semelhança dos dois retratos – o humano e o espiritual.

Isto posto, o Sr. West guardou cuidadosamente o medalhão no respectivo estojo e o enfiou num bolso interior, onde sempre o trazia por excesso de precaução.

Começou a sessão.

Os Srs. West e Hope retiraram-se para a câmara-escura, onde o primeiro desembulhou as chapas que consigo levava, retirando duas de entre elas, que marcou com as suas iniciais e introduziu nos “chassis”.

Levou depois, ele mesmo, esses chassis à varanda envidraçada, que serve de estúdio ao médium Hope, e lá os colocou no aparelho.

Ao lado do aparelho colocaram-se os médiuns e fizeram, então, as “poses”.

West e Hope retiraram-se em seguida para a câmara escura e aí revelou West, em pessoa, os negativos.

Logo que foi possível examiná-los à luz do dia perceberam com admiração geral, numa das chapas, a perfeita reprodução do porta-retratos e sua respectiva fotografia, tudo quadruplicado do tamanho original e superposto aos semblantes do Srs. West e Goodwin.

Os mínimos detalhes do medalhão foram reproduzidos de modo admirável.

Como explicar semelhante fenômeno?

Notarei que, em circunstâncias análogas, já se aventou a hipótese da “projeção mental” de um ou de todos os assistentes.

Mas, também não fora irracional supor que o mesmo fenômeno, em sua realidade, seja proveniente de operações espirituais...

Convidamos nossos leitores a examinar maduramente o que acabamos de relatar, tendo à sua disposição os fatos e fotografias, que importa sejam entre si comparados.”

Tal como vemos, ainda neste caso, o narrador pende para a interpretação espírita, mas nós não a levaremos em conta, de vez que nenhuma circunstância no-la sugere.

Frisaremos ao mesmo tempo que, do ponto de vista que sustentamos, isto é, o da realidade das imagens mentais objetiváveis e fotografáveis, é indiferente opinar por uma ou outra interpretação, visto que, tanto na hipótese espírita como na do subconsciente, o fenômeno da reprodução supranormal do medalhão não pode ter outra origem senão a da objetivação do pensamento.

Se optarmos pela interpretação espírita, podemos dizer que foi a vontade de uma inteligência de desencarnado que projetou, diante da objetiva fotográfica, aquela imagem concretizada; se, ao invés, preferirmos a interpretação subconsciente, deveremos dizer que a prolongada contemplação, por parte dos assistentes,

do referido medalhão, foi a causa da objetivação de imagem análoga, graças ao esforço da mentalidade coletiva subconsciente dos assistentes, ou à atividade dos médiuns somente.

Também convém não perder de vista que, no caso em apreço, a objetivação do pensamento é tão evidente que não há controvérsia possível a respeito, mesmo entre metapsiquistas de campos teoricamente opostos.

E para o momento é o que nos deve bastar.

Reservei-me para tratar em último lugar das célebres experiências do professor Ochorowicz com a médium srta. Tomezyk, experiências realizadas durante alguns anos e das quais os *Anais das Ciências Psíquicas* publicaram o relatório em longa série de artigos (1910 a 1912).

Guardei essas experiências para o fim, porque elas são, do ponto de vista científico, as mais importantes, a exigir-nos maior desenvolvimento nos comentários.

O professor Ochorowicz chegou, por suas próprias experiências, a concluir que o pensamento tem a faculdade de exteriorizar-se e que as imagens mentais revelam propriedades actínicas, visto impressionarem as chapas fotográficas.

Nas experiências de que tratamos notam-se dois casos mais particularmente interessantes e consistentes nas fotografias de um dedal e da Lua.

Eis como ele, Ochorowicz, relata o caso do dedal:

“Novo fenômeno extraordinário se apresentou na sessão de 22 de setembro de 1911. Vimos que, em várias radiografias da mão esquerda da médium, perceptível se tornava o anel que ela habitualmente usava.

Esse fenômeno como que indicava:

- 1º) que existe qualquer união entre o corpo e os objetos que o revestem;
- 2º) que a noção ocultista, fisiologicamente nova, da existência de um “corpo astral” não será possivelmente limitada aos seres vivos.

Uma só dúvida se nos apresenta neste momento: é que, nesse caso, como explicar o aparecimento do anel apenas em algumas e não em todas as fotografias?

Considero a dificuldade de empreender pesquisas nesse sentido, mas, por outro lado, considero que as pesquisas experimentais constituem, nestes tempos, a única base cuja legitimidade reconheço nesta categoria de idéias.

De qualquer forma, parece-me que um pormenor poderia verificar-se facilmente, qual o de nos certificarmos se a reprodução de objetos, não usados pelo médium, também seria possível nas fotografias do seu “duplo”.

E comecei por escolher um dedal de prata, do qual ela raramente se utilizava...

Entreguei-o à sonâmbula, explicando-lhe o que pretendia.

Ela, entretanto, achou a tentativa pouco interessante e me propôs complicá-la.

– Ponha o dedal em um dos seus dedos e, com a outra mão, mantenha-se em contacto comigo, que talvez o dedal passe para o meu dedo através do seu corpo. Vamos! Quem sabe? experimentemos...

– Mas é absurdo o que dizes!...

Todavia, lembrando-me do que alhures disse Charles Richet, isto é, que na metapsíquica importa não recuar, mesmo diante do que nos pareça insensato, nada mais aleguei e, abrindo a caixa das chapas “Elka”, de 13 x 18, marcando uma delas a lápis, coloquei-a sobre o joelho da médium, que estava sentada à minha direita.

Com a mão direita segurei a sua esquerda, mantendo-a acima da chapa cerca de quarenta centímetros, enquanto a esquerda, com o dedal no dedo médio, era levada para trás do meu joelho esquerdo.

Esperamos o fenômeno com a lâmpada acesa sobre a mesa, à distância de um metro.

Decorrido um minuto, disse a sonâmbula:

– “Sinto formigamentos na região do antebraço, onde a tua mão me toca... É curioso!... Colocam-me qualquer coisa na ponta do dedo médio... Se é o dedal, não sei; sinto apenas algo que me aperta de contínuo a extremidade do dedo...

“Pelo que me diz respeito, nada vejo, não experimento sensação particular qualquer (nem sopro, nem tremores, nem coisa semelhante), mas *sinto o dedal no dedo médio da mão esquerda* e procuro controlar essa impressão, servindo-me constante e alternativamente do polegar e do próprio joelho.”

Uma dor não muito viva experimentada pela médium, na sua mão esquerda, terminou a experiência.

Verificamos, então, no clichê uma mão esquerda talvez um pouco menor que a da médium, salvo o terceiro dedo, aparentemente mais longo, isto é, prolongado por um... dedal!

Tanto o dedal como o dedo parecem afilados na fotografia, o que constitui detalhe normal da radiografia de objetos redondos, quando a luz está próxima.

A parte inferior do dedal, salvo a borda dupla, é menos escura (no positivo) do que a parte superior, o que já deixa de corresponder a uma projeção radiográfica para tomar a aparência comum de um dedal, qual o vemos.

Finalmente, engaste de vidro abaulado mal se distingue, como se fora assaz transparente para tornar-se visível.

Em uma palavra: essa imagem nos causa uma impressão mista, desconcertante.

Não é uma forma esboçada naturalmente, de vez que não apresenta senão a parte central do objeto.

Não é radiografia de perfil, pois que não se vêem detalhes de superfície, incompatíveis com uma simples projeção.

Tão-pouco é fotografia comum por meio de reflexão, visto que, neste caso, a luz deveria aclarar o objeto de frente e

isto, sem objetiva nem câmara-escura, teria por efeito único velar a chapa.

Não é, finalmente, uma radiografia Roentgen, isto é, por transparência parcial, por isso que as partes igualmente espessas do metal são atravessadas de modo desigual e a mão se mostra antes menos transparente do que o metal.

O metal!... Mas, que metal?... Se nada existia no dedo da médium!

Sim, uma vez que o dedal me não saiu da mão, que mantive afastada, sem qualquer relação com a placa.

Disso estou eu absolutamente certo, como certo estou, igualmente, da impossibilidade material de uma simples projeção da mão da médium.

A sensação que ela experimentou no dedo foi apenas objetiva. E, neste caso, como admitir que essa sensação consiga fotografar, como se de real tivesse algo?

É preciso convir que, não sendo esta a mão da médium, mas do seu “duplo”, também a imagem do dedal, com a qual ela forma um todo harmônico, não é a fotografia do dedal, mas do seu “duplo”... Do seu “duplo” – ou da *idéia do dedal...*” (*Anais das Ciências Psíquicas*, 1912, pág. 164-166).

O Dr. Ochorowicz observa, em seguida, que este fato só pode dar lugar a duas hipóteses explicativas: ou se atribui a “desdobramento fluídico” do dedal, vindo colocar-se no dedo da médium, ou há que recorrer-se para a “fotografia do pensamento”.

E acrescenta que, do ponto de vista físico e químico, as duas hipóteses se equivalem, uma vez que ficam ambas fora do quadro dos nossos conhecimentos atuais.

Assim, conclui:

“Qual dessas duas concepções, igualmente extravagantes, estará mais próxima da verdade? Pense cada qual como quiser, essa experiência existe e contém em si uma verdade, e verdade nova, pois que as antigas não se lhe adaptam...”

Ochorowicz tem razão em insistir que, seja qual for a explicação que pretendam dar desse mistério, *o fato não deixa de existir*, isto é: que seria vão, absurdo, antifilosófico, anticientífico, fingir ignorá-lo, para conservar tranqüila a consciência científica de fisiologista ou psicólogo universitário.

A propósito desse episódio, Ochorowicz pediu esclarecimento ao *duplo da médium*, ou seja, à entidade operante, travando-se o seguinte diálogo:

“*Ochorowicz*: – Pois bem, explique-me o caso do dedal.

Duplo: – Destaquei dele a parte fluídica e transportei-a para o meu dedo.

– Mas, estava ela também no dedo da médium?

– Não.

– E a sensação que a médium acusou?

– Era natural, porque ficamos unidos e, quando sinto alguma coisa, também ela deve senti-la.

– E depois?

– Coloquei minha mão ornada com o dedal sobre a chapa, eis tudo. Quanto à luz, não sei como ela se fez, mas sei que provinha da médium.”

Estes esclarecimentos do “duplo” nos ensinam que o “dedal-fantasma” não se condensara sobre o dedo carnal e sim sobre o dedo fluídico, que se exteriorizara para impressionar a chapa.

Em todo caso, compreende-se que em tais circunstâncias a sonâmbula devesse ressentir a impressão do dedal no seu dedo carnal, como sucede nas experiências de desdobramento, nas quais, em se tocando com uma pinça o ponto no qual se localiza o “fantasma desdobrado” o sonâmbulo acusa dor nos lugares correspondentes.

Daí resulta ser igualmente preciso concluir que o caso em apreço constitui um exemplo raro de “imagem mental”, não apenas fotografada, mas percebida pela sonâmbula, sob a forma de sensação tátil.

Quanto à hipótese preferível entre as duas apresentadas por Ochorowicz, quero crer que, no fundo, a primeira se enxerta na segunda.

Mesmo que o dedal fluídico se constituísse de substância subtraída do dedal metálico, não deixaria de ser sempre uma imagem fotográfica, criada pela vontade subconsciente da médium, ou seja, por seu pensamento.

Em outros termos: tanto faz supor que a substância fluídica necessária tenha sido subtraída do objeto imaginado, do ar ou do éter ambiente, pois o que se nos impõe é a evidência de um fenômeno exteriorizado, mercê da força “plástica” e organizadora, inerente ao pensamento.

Passemos agora ao segundo caso, tomado às mesmas experiências e referente a uma fotografia mental do disco lunar.

Do ponto de vista científico, este caso será, talvez, mais importante que o do dedal, porque o Sr. Ochorowicz, depois de haver obtido espontaneamente a imagem da Lua em relação com o pensamento da médium, executou experiências outras, tendentes a obter a mesma imagem de modo experimental, conseguindo-o mais de uma vez – o que prova, melhor ainda, que o fenômeno da fotografia mental deve ser conceituado como fato cientificamente averiguado.

Eis a narrativa do Dr. Ochorowicz:

“Lembramo-nos de que na noite de 7 de setembro minha sonâmbula fora fortemente impressionada pelo soberbo espetáculo do céu estrelado, máxime pela Lua cheia, que ela contemplou admirativa e longamente.

Proveio-lhe daí uma excitação de curiosidade científica, a par de uma obsessão sensorial durável, a manifestar-se na primeira ideoplastia involuntária, obtida no dia seguinte.

Em vez da *mãozinha* por nós ambos desejada, surgiu na chapa uma *Lua cheia*, ao fundo de uma nuvem branca.

À primeira vista, nada compreendemos de tudo aquilo, de vez que a nuvem mascarava a Lua, formando como que uma só mancha irregular.

No dia seguinte, notei a rodinha branca do lado do vidro. E apressei-me a tirar uma prova positiva.

Não era isso coisa fácil, pois a impressão era tão forte, que, para separar a Lua da nuvem, foi necessária uma exposição de cinco horas ao Sol, sobre papel cloretado, e de oitenta segundos sobre papel bromurado.

De outra forma, a Lua teria desaparecido na nuvem.

Enfim, diversas cópias permitiram assegurar:

- 1º) Que era realmente a Lua;
- 2º) Que a imagem correspondia exatamente à visualização da médium;
- 3º) Que a impressão fora dupla, ainda que as duas imagens muito aproximadas fizessem o efeito de um só disco oblongo...

Fisiologicamente considerada, essa imagem mental parece não ter relação com o cérebro.

A chapa não foi colocada na frente da médium, nem nessa nem noutras experiências positivas.

Daí, concluo que a ideoplastia fotográfica pode não ser devida a uma ação direta do corpo, em geral, e do cérebro em particular, mas, antes, encontrar-se conjugada com o “cérebro etérico”, ou, em geral, com o corpo etérico exteriorizado.

Aqueles a quem repugne a hipótese de uma Fisiologia transcendental haverão de contentar-se com uma explicação espiritualista, sem precisar o *modus operandi* físico-químico da alma, à distância.

Mas, a bem dizê-lo, isso não passaria de confissão da nossa profunda ignorância.

Devo acrescentar que as imagens mento-visuais fotografadas também me parecem independentes de qualquer relação com a retina.

A médium não fixava a chapa, e de uma vez que o fez deliberadamente, contemplando uma garrafa iluminada à luz vermelha, nada foi conseguido.

Do ponto de vista psicológico, é de notar que, no momento de produzir-se o fenômeno, a imaginação foi o campo de uma luta entre duas obsessões: uma consciente e voluntária, de uma *mãozinha*; outra, inconsciente e involuntária, a da *Lua cheia*, que se imprimiu.

Foi, pois, esta última que superou a outra, o que parece indicar que a obsessão inconsciente está em relação mais íntima com o mecanismo ainda desconhecido da ideoplastia fotográfica...

Todas as considerações que acabamos de ler prendem-se à suposição que tínhamos, de que se tratava, realmente, de uma “fotografia do pensamento”.

Esta certeza não poderia eu ter desde logo e o único meio de consegui-la seria uma repetição da experiência, ou antes, na tentativa de transformar a suposta ideoplastia fotográfica inconsciente em ideoplastia consciente e desejada.

Nesse intuito, pedi à médium que pensasse nitidamente na Lua cheia, a fim de tentarmos nova experiência.

A 11 de setembro obtive o clichê nº 16.

Era alguma coisa de semelhante à fotografia anterior, se bem que de aparência um tanto esquisita.

A nuvem é análoga, mas a Lua difere muito.

Não é uma lua – disse eu à médium – é antes um botão!

Efetivamente, a fotografia representava como que dois discos, embutidos um no outro, com uma terceira mancha muito menor no centro.

Essa mancha é mais escura que o segundo círculo, assim como este o é mais que o primeiro.

De resto, nenhum deles é mais claro que o fundo da nuvem.

(Mais adiante veremos as explicações que o “duplo” deu a respeito.)

Minhas críticas provocaram novos esforços da médium, originando, então, o fenômeno inverso: das duas luas, a

primeira, menor, é mais clara; e ambas mais claras do que o fundo...

Uma nova experiência, no dia 23 de setembro, produziu uma figura quase inteiramente semelhante à primeira ideoplastia inconsciente.

Em todo caso, a similitude é bastante para confirmar que, já da primeira vez, obtivéramos uma verdadeira fotografia mental.

Finalmente, a impressão obtida no dia 8 de outubro deve ser considerada como esforço máximo da médium, que, adivinhando minhas dúvidas suscitadas pela “lua-botão”, concentrou melhor o pensamento consciente, para satisfazer-me.

Esta última prova é particularmente interessante, pelo fato de apresentar quatro ou mesmo cinco impressões lunares de tamanhos diferentes e ao mesmo tempo sem nuvens, que foram substituídas por uma auréola circundando as impressões mais fortes.

O lado da imagem mais fracamente impresso não apresenta esta particularidade; mas também a forte impressão da auréola não prejudica a nitidez dos contornos.” (*Anais das Ciências Psíquicas*, 1912, págs. 205-209).

No curso de uma sessão ulterior, o doutor Ochorowicz pediu ao “duplo” da médium explicações sobre os detalhes enigmáticos notados nas fotografias lunares.

Aqui transcrevo uma parte do diálogo travado a respeito:

“*Ochorowicz*: – Haverá, realmente, uma “fotografia do pensamento”?

Duplo: – Sim.

– Haverá um intermediário material entre o pensamento e a placa sensível?

– Não. É só o pensamento que opera.

– Como?

– Não sei.

– Mas, se não há elemento intermediário que se desloque, de onde provêm essas impressões duplas, triplas, etc.?

– Dos reiterados esforços da médium.

(Esta opinião, que agora me parece razoável, era então contrária ao meu modo de ver).

– Porque a primeira lua obtida a meu pedido assemelha-se antes a dois botões incrustados um no outro?

– A médium não sabia concentrar o pensamento e figurava uma lua maior ou menor, mais clara ou mais escura, determinando, assim, círculos concêntricos.” (Idem, pág. 237).

Estas últimas explicações, a propósito das múltiplas impressões do disco lunar, pareceram ao Dr. Ochorowicz absolutamente fundamentadas e decisivas.

Certo, não se poderia encontrar para o fato uma explicação melhor.

Quanto à primeira pergunta, relativamente à existência eventual de um *intermediário material* entre o pensamento e a placa sensível, presta-se ela a interpretações dúbias, tanto quanto a resposta obtida.

Quero eu dizer que não se compreende bem se os interlocutores, ao se referirem a um *intermediário material*, queriam, com isso, definir uma substância ectoplásmica, propriamente dita, ou uma condensação puramente fluídica, do pensamento.

No primeiro caso, o “duplo” teria tido razão para responder pela negativa; mas no segundo não se poderia dizer outro tanto, visto que a análise comparada dos fatos não lhe daria razão.

Prova-o, também, a fotografia do dedal, realizada graças à médium.

Ela explicara, então, haver subtraído ao dedal metálico a *substância fluídica*, para com ela formar um dedal fluídico e desdobrado da médium, ao mesmo tempo em que ela, médium, percebia o contacto e a pressão constante sobre seu dedo carnal.

Feita esta observação em homenagem à correção teórica, cumpre acrescentar que, se houvesse contradição nas afirmativas

do “duplo”, sair-se-ia ele airoso do “impasse”, de vez que confessou *ignorar* como se exercia a ação do pensamento na placa sensível, o que significa que as explicações a respeito fornecidas não representam mais que a sua opinião pessoal de “duplo”, e nada mais.

De resto, se é provável e também racional que, nas experiências de “fotografia mental”, não se chega, jamais, ao fenômeno de condensação ectoplásmica, propriamente dita, tal não se dá com os fenômenos de *ideoplastia*.

Esta demonstra que o pensamento e a vontade são forças prodigiosas, não somente capazes de impressionar diretamente uma placa sensível, ou condensar fluidos bastantes para tornar fotografável uma imagem, como também de modelar a imagem, e mais ainda, materializar membros do corpo e até corpos organizados, tal como vamos demonstrar no capítulo seguinte.

*

Antes, porém, de abandonar o tema da fotografia mental, será útil assinalar o lugar que ela ocupa na escala das graduações fenomênicas colhidas pela potência criadora do pensamento, a fim de traçar os limites teoricamente possíveis dos fenômenos de que tratamos.

O escopo não é fácil, devido ao que discuti a fundo em outros trabalhos meus, ou seja, que as faculdades supranormais subconscientes – por conseguinte, também o fenômeno da objetivação do pensamento – são faculdades do espírito, latentes na subconsciência humana e prontas a emergir e atuar num ambiente experimental, depois da crise da morte.

Nessas condições, dever-se-á dizer que o fenômeno da fotografia mental surge como uma das múltiplas modalidades pelas quais essa faculdade pode aflorar e exercer-se de maneira rudimentar e esporádica, no curso da vida terrestre.

É, todavia, uma emergência só verificável sob a condição de ficarem as funções da vida de relação temporariamente atenuadas, enfraquecidas ou suprimidas, o que, para a categoria dos fenômenos que ora nos ocupam, se constata nos estados sonambúlicos e mediúnicos.

Dessas considerações ressalta, necessariamente, que tudo quanto possa fazer um espírito *encarnado*, também pode ser feito por um espírito *desencarnado*; e, portanto, que *a realidade da fotografia transcendental do pensamento dos vivos implica a possibilidade da fotografia transcendental realizada pela projeção de pensamento dos defuntos*.

Isto vale por dizer que encontramos na categoria dos fenômenos da “fotografia transcendental” a mesma coisa que já encontramos em todas as categorias de fenômenos metapsíquicos, dos quais ressalta – e não pode deixar de ressaltar – que esses fenômenos são em parte anímicos e em parte espiríticos.

Com efeito, sendo o homem um *espírito*, embora *encarnado*, deve poder realizar em vida, posto que imperfeitamente, o que pode realizar um *desencarnado*, sempre que se encontre em condições mais ou menos acentuadas, de desencarnação transitória e parcial, quais ocorrem no sono fisiológico, no sono provocado, no êxtase, nos estados mediúnicos e nos momentos pré-agônicos.

Um ponto importante a esclarecer: como distinguir os casos de fotografia transcendental, de origem anímica, dos de origem espirítica?

É uma distinção nem sempre fácil.

O só fato de uma personalidade desencarnada afirmar que projetou a própria imagem na chapa fotográfica não pode bastar à nossa convicção.

É preciso, por conseguinte, dar grande apreço às provas de identidade, muitas vezes obtidas concomitantemente ao fenômeno da fotografia de um morto.

Nesta ordem de provas, há casos citáveis, de natureza a triunfarem de todas as objeções.

Há, enfim, uma espécie de casos a respeito dos quais é impossível suscitar dúvidas, no que concerne à sua origem, positivamente estranha ao médium e aos assistentes.

Refiro-me àqueles casos em que a figura retratada é desconhecida do médium e dos assistentes, para ser identificada mais tarde.

Nestas circunstâncias, é claro não ser possível jogar com a hipótese da “fotografia do pensamento subconsciente dos assistentes”, para recorrer à hipótese complementar da “fotografia do pensamento consciente de um espírito desencarnado”.

São fatos estes que devem ser tomados como excelentes provas de identificação espírita.

Um fato dessa natureza encontra-se na obra *From the other side*, de J. H. D. Miller, já por mim citado.

Ei-lo:

“Ouvira eu dizer que na pequena cidade Crew havia um centro espírita no qual se obtinham fotografias transcendentais, e, precisando ir ao continente por motivos de negócios, decidi interromper de algumas horas a viagem, a fim de tentar uma experiência daquela natureza.

Sem conhecer qualquer membro do referido grupo, lá me apresentei, não obstante, à Rua do Mercado nº 144, onde soube que o médium Sr. Hope estava em casa.

Trata-se de um homem de pequena estatura e de maneiras afáveis, simples artista que reside num apartamento, sem maiores pretensões.

Os seus dispositivos e utensílios fotográficos são evidentemente primitivos.

Eu levava comigo um pacote com doze chapas fotográficas compradas em Belfast.

Assentamos em torno de pequena mesa, eu, o Sr. Hope, uma senhora cujo nome não me ocorre e a srta. Scatcherd, de Londres, que, tendo vindo a Crew para fazer uma conferência espírita, aproveitara o ensejo de uma visita ao médium Hope.

A este informei que trouxera comigo as doze chapas e ele pediu-me que as colocasse no centro da mesa.

A senhora cujo nome esqueci cantou, então, um hino sacro e disse uma prece.

A seguir o Sr. Hope tomou o pacote das chapas e o manteve entre as mãos, enquanto por nossa vez colocávamos as nossas sobre as dele.

Decorridos uns quinze minutos, um tremor pronunciado começou visivelmente a sacudir o braço do médium, comunicando-se às outras mãos e ao pacote de chapas.

Dirigindo-se, então, a uma entidade invisível, o médium disse: – “Obrigado; desta vez conseguiremos.”

O pacote foi novamente colocado em cima da mesa e o Sr. Hope refez o invólucro, recitando, por sua vez, uma prece.

Convidou-me a meter no bolso o embrulho para segui-lo à câmara-escura, onde acendeu uma pequena lâmpada vermelha.

Depois, mandou-me abri-lo e dele retirar duas chapas para colocá-las nos chassis, o que fiz depois de havê-las marcado a lápis com o meu nome.

Passamos em seguida a uma pequena câmara envidraçada, na qual se encontrava uma máquina fotográfica, que foi por mim examinada minuciosamente.

Isto feito, entreguei ao Sr. Hope os dois chassis, que foram por ele colocados no aparelho.

Assentei-me, então, como se faz comumente diante da objetiva, enquanto o Sr. Hope e a tal senhora se colocavam respectivamente de cada lado do aparelho, segurando cada qual um pano preto, durante a “pose”.

Terminada esta, reentramos na câmara-escura, onde retirei eu mesmo as placas dos chassis, depositando-as na cubeta a fim de serem reveladas.

O Sr. Hope derramava o líquido, enquanto me ocupava eu mesmo da revelação.

Quando ele me advertiu de que o banho estava completo, coloquei a cubeta debaixo da torneira para a competente lavagem.

Foi-me dado, então, perceber numa das chapas, assaz visível, uma cabeça ao lado da minha.

Examinei depois a chapa contra a luz e certifiquei-me de que se tratava do semblante de meu filho, pelo que fiquei profundamente admirado e comovido.

Enquanto durou a experiência, o Sr. Hope não tocara as chapas e jamais elas deixaram de estar um instante fora das minhas vistas, salvo, bem entendido, o tempo que estiveram dentro do aparelho.

Só então, dei o meu nome e endereço, para saudar os assistentes e retirar-me.

Dias depois, recebi os retratos, dos quais vai um reproduzido neste volume...

De regresso ao meu lar, tivemos uma sessão com o médium Nugent, na qual presto se manifestou Hardy, dizendo: “Que tal, papai? Que pensas tu do retrato? Ficou bom?”, ao que por minha vez respondi:

– Maravilhoso! Mas, explica-me, como te arranjaste para produzi-lo?

– “Impossível explicar-te a natureza dos poderes em jogo – disse ele – de vez que os ignoro; mas, posso descrever-te como as coisas se passaram.

“Quando você se assentou em torno da mesa, “Sing” (o *Espírito-guia*) e eu colocamo-nos atrás de você.

“Vários outros Espíritos especializados em fotografia transcendente estavam conosco e o mais hábil de todos se conservou ao lado do médium, a fim de reunir e condensar os fluidos subtraídos de você, como de nós, para encaminhá-los ao embrulho das chapas, através dos braços do médium.

“Notaste, certamente, o tremor dos braços e das mãos do médium.

“Quando as chapas ficaram saturadas das forças exteriorizadas, estas se derramaram sobre mim, e “Sing” ordenou-

me que pensasse numa boa objetivação da minha aparência terrena.

“Os panos que se notam à volta do meu rosto são o produto dos fluidos por mim utilizados para me materializar de modo rápido, mas não obstante suficiente.

“Quando você colocou as chapas nos chassis, concentrei meu pensamento na aparência que eu aí tinha na Terra, e enquanto durou a “pose” eu estava ao seu lado.

“Papai, se você naquele instante se voltasse, ter-me-ia visto nitidamente; mas isso também importaria no fracasso da experiência.”

– Qual o efeito dos fluidos sobre as chapas?

– Não saberia dizer de modo preciso, mas acredito que a chapa preferida se torna mais sensibilizada que as demais.

– Esta explicação parece-me razoável.

– Caro papai, nas tuas conversas não deixaste nunca de me falar da necessidade de fornecer-te sempre provas de identidade pessoal. Longe estou de lastimar essa exigência, de resto justificável, mas quero crer que esta última prova fotográfica ponha termo às tuas dúvidas e constitui excelente fecho para o teu livro.

– Querido Hardy, não me resta qualquer dúvida a respeito. Antes mesmo da prova fotográfica, minha convicção era absoluta, mas a fotografia será uma prova para quantos não te ouvirem falar.”

Quem não vê que este fato, dadas às circunstâncias que o revestem, todas inexplicáveis por hipóteses naturalistas, deve ser tomado como decisivo em prol da interpretação espiritualista?

Eis aqui, do mesmo ponto de vista, outro episódio interessante.

R. H. Saunders, escritor e pesquisador assaz conhecido nas rodas metapsíquicas inglesas, enviou à *Light* (1920, pág. 266) o seguinte relato:

“Eis um episódio excepcionalmente interessante, de um Espírito que, no curso de uma sessão fotográfica, se comportou de tal maneira que a entidade, cuja manifestação deveria verificar-se e era por todos ansiosamente esperada, foi substituída pela de um parente no qual ninguém pensava, e isso intencionalmente, para provar-nos que não se tratava de “fotografia mental”.

Um amigo que jamais se ocupara de investigações psíquicas, antes de haver perdido, havia um ano, uma filha na idade de quinze, obteve pela mesa uma comunicação na qual a falecida o prevenia de que ia manifestar-se dando o seu retrato.

Comprei para esse amigo um pacote de chapas Ilford, por ele guardado, até que a filha o prevenisse, em outra mensagem, de que estava prestes a chegar a Londres um médium dotado de faculdades adequadas a esse gênero de provas.

Poucos dias depois, ouviu dizer que o médium Hope viria, efetivamente, à capital.

Em chegando o médium, visitou-o e, marcado o dia da sessão, a ela compareceu o amigo acompanhado da esposa, levando no bolso o pacote das chapas.

Desembrulhou-as, marcou-as, meteu-as na máquina e revelou-as sem que o médium tivesse em tudo isso a mínima intervenção.

Examinados os negativos, constatou-se em um deles o rosto de um Espírito, pelo que foi esse negativo logo separado, a fim de se lhe tirar o positivo.

Nessa noite, estávamos todos à mesa de trabalho mediúnico, quando a rapariga se manifestou com a seguinte comunicação:

“Eu me havia colocado entre papai e mamãe e vocês encontrarão o meu retrato na chapa.”

Em seguida, manifestou-se outra entidade, que transmitiu, como de hábito, comunicações muito elevadas, expressando-se por vezes em latim, o que nos obrigou a mandar traduzi-las.

E terminou por dizer: “Destas vezes obtivestes uma prova decisiva e deves utilizá-la para convencer os que ainda duvidam.”

Devido a essas mensagens, o amigo e sua esposa esperavam impacientes as provas da fotografia que lhes deveria proporcionar o prazer de contemplar a imagem da filha.

Mas, chegadas que foram as provas, ei-los profundamente decepcionados, pois em lugar dos traços da criatura adorada, houveram de reconhecer o semblante de um irmão do experimentador, há muito falecido, e a respeito do qual dissera uma comunicação que ele se havia desinteressado inteiramente das coisas terrenas.

Nessa mesma noite, recorremos à mesa e esta se comportou de modo inteiramente diverso do habitual.

Perguntamos quem era o Espírito presente e responderam: “Sou teu irmão Alfredo. Tive a missão de provar-te que a figura retratada *não era uma forma mental*, e isso foi julgado necessário, porque essa suspeita vos preocupava a mente.”

Em verdade, nós havíamos discutido longamente o assunto, para conjecturar que, se o pensamento pode materializar-se, tal como evidenciam algumas experiências da Sra. Bisson, nada impedia mantivéssemos as nossas dúvidas, de vez que não podíamos varrer da mente a imagem da morta querida.

Esta se comunicou novamente e deu a seguinte mensagem: “Eles me ocultaram o que tencionavam fazer. Eu achava-me entre vocês dois, e certa, portanto, de haver impressionado a chapa... Minha mãezinha, estou contristada pelo que sucedeu. A única coisa que me dizem é que, à última hora, o tio tomou-me a frente. Ficará para outra vez, e breve.”

Neste episódio, a parte mais interessante consiste em que a substituição de personalidades na fotografia transcendental afigura-se devida à circunstância de haverem os experimentadores discutido anteriormente a possibilidade de confundir a foto-

grafia mental com a dos desencarnados, decidindo os Espíritos-guias recorrerem a uma substituição de personalidade, para dissipar todas as dúvidas.

Devemos também notar a circunstância de haver o Espíritoguia dito, antes de conhecidas as provas fotográficas, que daquela feita “*tenham obtido uma prova decisiva*”.

Essa comunicação tende a demonstrar que a entidade comunicante conhecia efetivamente a substituição ocorrida, pois de outro modo não teria falado em “*prova decisiva*” na presença de experimentadores em dúvida, mas, ao contrário, que as fotografias espíritas poderiam ser explicadas pelas fotografias mentais.

Nessas condições, é óbvio que a comunicação em apreço tende a demonstrar eficientemente que os fatos ocorreram tal como afirmaram os Espíritos comunicantes.

Este outro fato é relatado no livro de James Coates, *Photographing the Invisible*.

Respiguei-o dos *Anais das Ciências Psíquicas* (1912, pág. 218), que dele faz um resumo assaz extenso.

“Conta o Sr. Coates que numa sessão realizada em 8 de outubro de 1909, com o médium Edouard Wyllie, a srta. Kate M..., dotada de notáveis faculdades clarividentes, a ele se dirigiu, dizendo: “Vejo uma mulher alta, morena, que diz: *Sra. Coates, não me queira mal!*”

Respondeu-lhe esta: a ninguém quero mal; afinal, quem é?

“Não me veja com desdém, sou a sua velha criada Maggie.”

Compreenderam, então, o Senhor e Sra. Coates do que se tratava, mas afirmaram que nem a srta. Kate nem outro qualquer dos assistentes a conhecera.

A coisa não iria além e o casal Coates não lhe teria dado maior importância, se outro episódio não tivesse sobrevindo ao fim de alguns dias.

O médium Wyllie, que era americano, regressou aos Estados Unidos e deixou com o Rev. diácono John Duncan as

provas de todas as fotografias obtidas nas diversas sessões particulares realizadas na Inglaterra.

Um dia, de visita ao Rev. Duncan, o casal Coates entrou a examinar essas fotografias e ficou profundamente surpreso ao reconhecer em uma delas a figura da sua criada Maggie.

Tratava-se de uma chapa que havia focalizado tal srta. B. das relações do Sr. Duncan.

A história desta Maggie poderia ser resumida em poucas linhas: fora uma rapariga leviana, que encontrou um homem egoísta e teve de abandonar o emprego quando se viu grávida.

Aliás, era uma rapariga estonteada, porém dotada de bons sentimentos.”

Os *Anais* publicam a fotografia em questão, na qual o rosto da entidade espiritual de Maggie aparece sobre o peito da srta. B...

Os traços são nítidos e característicos.

Notarei que neste caso vemos repetir-se, exatamente, a circunstância que assinalou o primeiro, relatado pelo casal Mackenzie, no qual a entidade comunicante não consegue fotografar-se, enquanto alguns familiares seus se colocam diante da objetiva; e, em compensação, o faz noutro comenos e na presença de pessoas estranhas.

Daí pode coligir-se que o estado emocional produzido nos Espíritos, em presença de pessoas que lhes são caras, engendra muitas vezes condições ambientes que os impedem de projetar a imagem diante da objetiva fotográfica.

De um outro ponto de vista, é preciso assinalar que o fato de um *sensitivo* perceber formas de Espíritos operantes nos cursos das experiências fotográficas, é sempre um fato teoricamente interessante, ou não fosse ele confirmativo do que já tenho frisado, isto é, que se é verdade que a ação mental pode impressionar diretamente a chapa, sem objetivar-se ante o aparelho, não

é que *as imagens objetivadas do pensamento* se realizem concorrentemente com *as impressões diretas do pensamento*.

Limito-me a chamar atenção para o lado teórico das visões clarividentes dos fantasmas, nas experiências em apreço, porque a indubitável existência das “formas-pensamento” tira algum valor a estas visões, do ponto de vista de sua possível interpretação espiritista.

Notarei, todavia, que, neste caso que vem de ocupar-nos, não podia tratar-se, evidentemente, de uma “forma-pensamento”, de vez que a entidade espiritual havia conversado com os assistentes, e, passados alguns dias, manifestou-se noutra meio e impressionou uma chapa em presença de pessoas estranhas.

No exemplo a seguir, a hipótese da “fotografia do pensamento” torna-se mais absurda e insustentável, visto que, mesmo a distância, não havia alguém que guardasse no cérebro ou nos refolhos do subconsciente uma lembrança da figura de mulher aparecida na chapa fotográfica.

O caso é relatado no fascículo de julho de 1924, da bela revista trimestral inglesa *Ciência Psíquica*, órgão do *British College of Psychic Science*.

O Sr. Hewatt, diretor do Instituto, pedira ao experimentador, Sr. C. L. D. Kok, rico negociante holandês, lhe apresentasse uma narrativa por escrito, a respeito do que lhe sucedera nas experiências fotográficas realizadas na sede do British College, e recebeu a seguinte carta:

“Caro Sr. Hewatt Mackenzie.

Quando em novembro de 1921, por ocasião das férias anuais, tive o ensejo de assistir a uma sessão do Centro de Crew, obtive, em uma das chapas levadas de Amsterdã, a imagem transcendental de um rosto feminino desconhecido.

Essa fotografia, como podeis ver pelo exemplar junto, é notabilíssima, por causa da grande auréola que circunda a fronte da entidade espiritual, abundante cabeleira e forma nitidamente triangular do semblante.

Tendo enviado meu filho à Inglaterra no mês de setembro de 1922, aproveitou ele a ocasião para assistir a uma sessão do grupo de Crew, na sede do *British College*, e obteve, por sua vez, em uma de suas chapas a impressão transcendental de uma figura de mulher não conhecida, que só pude ver pela primeira vez em 24 de maio de 1924, quando fui cumprimentar-vos no *British College*, em companhia de minha cunhada.

Logo que esta viu a dita fotografia, exclamou: “Mas é a mesma entidade que lá está na chapa de 1921!”

E de fato era, como se poderá ver, comparando as duas fotografias aqui juntas.

Meu filho obtivera a reprodução do mesmo semblante, repetido cinco vezes em torno do seu retrato.

Quando comuniquei o fato ao Sr. Mackenzie, fazendo-lhe sentir o quanto era de lastimar o desconhecimento da mulher que assim se manifestara primeiramente a mim e depois a meu filho, sua esposa me respondeu:

“A fisionomia impressa na chapa é a do seu guia espiritual, a quem chamam Sílvia, mas na Terra era Henriqueta, sua tia materna.

“Ela nos disse que o estimara ternamente, quando aqui encarnada, posto que o senhor não a tivesse visto senão uma vez, em criança, quando veio das Índias Orientais para a Holanda.

“É que aí, na sua residência, existe dela um retrato. Queira procurá-lo na traparia, dentro de velho cofre lá existente, no meio de outros retratos de parentes e amigos da família, e certamente o encontrará.”

À noite, rememorando esse incidente, consegui recordar-me vagamente de haver visto em menino, uma vez, a tia Henriqueta, irmã de minha mãe.

Foi isso em Amsterdã, no ano de 1880, uma única vez de fato, por ter eu vivido sempre longe da Holanda.

Regressando a penates, fui logo ao local indicado, lá encontrei o cofre, e nele, de mistura com outros objetos, um velho álbum do qual já me não lembrava.

Folheando-o, logo se me deparou a fotografia em apreço.

Eu conservava, efetivamente, a reminiscência de achar-se a tia Henriqueta nesse grupo, colocada entre as duas irmãs.

A esta carta junto também a fotografia, a fim de fazerdes as necessária comparações.

Queira notar os belos olhos, a basta cabeleira, a boca, e sobretudo o rosto nitidamente triangular de minha tia.

É evidente que, depois de tanto tempo, ela se manifestou deste modo, primeiramente a mim e, depois de dois anos, a meu filho.

A identidade das duas fotografias, a natural e a transcendental, é perfeita; mas eu não juraria tratar-se precisamente de minha tia Henriqueta, de vez que não mais a vi depois de 1880.

E, como nessa época, eu contava apenas oito anos, não guardo da sua fisionomia mais que vaga reminiscência.

Seja, porém, como for, o certo é que este retrato, que ora vos envio, foi tirado alguns anos antes da sua morte, embora não possa eu, pelo mesmo motivo, indicar datas.”

Tal o fato interessantíssimo, relatado pelo Sr. Kok. Observarei que a circunstância de haver ele declarado não poder jurar que se trata da sua tia Henriqueta, só depõe a prol da louvável sinceridade da sua narrativa, sem infirmar de modo algum o valor teórico do fato relatado.

Em primeiro lugar, o Sr. Kok havia previamente afirmado que reconheceu logo o retrato da tia, por se lembrar da particularidade de sua colocação no grupo, entre as duas irmãs.

Em segundo lugar, mesmo que a fisionomia não fosse a de Henriqueta, deveria ser de uma que outra das tias, uma vez que irmãs eram as três senhoras fotografadas.

É o que há de mais importante, pois o fato teoricamente essencial consiste no seguinte: que, na fotografia transcendental

obtida, aparece o rosto de uma tia do Sr. Kok, falecida de muitas anos, o que lhe não permitia lembrar-se dos seus traços fisionômicos, e mais, o de manifestar-se dois anos depois a um filho seu, ou seja, ao sobrinho, que absolutamente não a conhecia.

A circunstância de a entidade manifestar-se ao Sr. Kok filho, *que absolutamente não a conhecia*, demonstra, de uma forma decisiva, não se tratar da “fotografia mental de um encarnado”.

Somos, pois, necessariamente levados a reconhecer a presença real, *in loco*, da entidade espiritual que ficou gravada na placa sensível, ou mais precisamente: somos levados a reconhecer que a figura gravada na chapa fotográfica era a objetivação do pensamento de um defunto.

Resta-nos evidenciar algumas circunstâncias que contribuem para confirmar as conclusões que acabo de enunciar.

Notemos, por exemplo, que o filho do senhor Kok dera tão pouca importância ao retrato, que até deixara de o enviar ao pai, o que demonstra, ulteriormente, jamais ter ele visto fotografias da falecida.

Assinalemos, também, a curiosa particularidade das cinco impressões da entidade comunicante sobre a mesma chapa sensibilizada, como se com isto se propusesse a despertar mais fortemente a atenção dos experimentadores, para evitar que, em não a reconhecendo, pusessem-na de lado, à revelia de qualquer identificação posterior.

Preciso da mesma forma, não desprezar a outra circunstância de só se tornar possível ao Sr. Kok pai a identificação da personalidade espiritual revelada na chapa, mediante esclarecimentos fornecidos por uma personalidade mediúnica, sem o que nada teria descoberto e perdido ficaria esse notável episódio de identificação espírita, como sói acontecer com a grande maioria das fotografias transcendentais, nas quais aparecem pessoas desconhecidas.

E, se considerarmos que as indicações fornecidas eram ignoradas do médium, tanto quanto dos assistentes, mas, em compensação deviam ser conhecidas da entidade falecida, esta circuns-

tância tem, por si só, o valor de uma prova de identificação espírita.

Advirto, finalmente, que a entidade que se comunicara por *voz direta* havia declarado que a falecida tinha a missão de “guia espiritual” do sobrinho, explicando-se, destarte, a manifestação dada a ambos, posto que um não a tivesse quase conhecido e houvesse, conseqüentemente, esquecido, enquanto que o outro jamais a conheceria.

A mesma circunstância explicaria o porquê da presença da entidade na sessão do sobrinho, com a Sra. Cooper.

Não citarei outros casos de identificação espírita, obtidos graças à fotografia transcendental.

De fato, o problema da identificação espírita ultrapassa, por agora, o tema de que nos ocupamos e que se conjuga a problema outro, diametralmente oposto, se bem que complementar do primeiro, ou seja: – que uma boa parte dos casos de “fotografia transcendental” prova que o *pensamento* e a *vontade* constituem forças “plasticizantes” e organizadoras, com as conseqüências daí decorrentes.

Seja como for, é preciso não esquecer as seguintes conclusões gerais.

Os fenômenos de *aparições telepáticas dos vivos* e de *aparições de fantasmas dos vivos* (bilocações) demonstram respectivamente a existência no homem de uma vontade capaz de projetar a própria imagem a quaisquer distâncias, bem como a existência de um espírito independente e separável do seu corpo.

Assim, contribuindo para provar a existência do espírito humano, os fenômenos contribuem conseqüentemente, para validar a hipótese complementar, da *aparição dos mortos*.

Ora, do mesmo modo, o fenômeno da *fotografia mental dos vivos* demonstra que pensamento e vontade são forças plásticas e organizadoras; e assim, a seu turno, contribui para provar a sobrevivência do espírito humano e, por conseguinte, a validade da hipótese complementar da *fotografia mental dos mortos*, validade que se transforma em fato bem constatado, todas as

vezes que o fenômeno se dá em circunstâncias que excluem a possibilidade de qualquer ação mental dos vivos.

Mais adiante veremos a que grandiosas especulações filosóficas conduz o fato de podermos, experimentalmente, demonstrar a natureza plástica e organizadora do pensamento humano.

Ideoplastia

O vocábulo *ideoplastia* foi criado pelo Dr. Durand (de Gros) em 1860, para designar os principais caracteres da sugestibilidade.

Mais tarde, em 1864, o Dr. Ochorowicz o empregou para designar os efeitos da sugestão e da auto-sugestão, quando ela faculta a realização fisiológica de uma idéia, como se dá nos casos da estigmatização.

Finalmente, o Professor Richet o propôs, quando das suas experiências com as senhoritas Linda Gazzera e Eva C.. (1912-1914), cujas experiências demonstraram, de feição nítida e incontestável, a realidade da materialização de semblantes humanos, que eram, por sua vez, reproduções objetivadas e plásticas de retratos e desenhos vistos pelos médiuns.

Claro é que, desses fatos, dever-se-ia logicamente inferir que *a matéria viva exteriorizada é plasmada pela idéia.*

E aí está a exata significação do termo *ideoplastia*, aplicado aos fenômenos de materialização mediúnica.

E a substância viva, exteriorizada e amorfa, sobre a qual se exercem as idéias forças, inerentes à subconsciência do médium, foi designada por *ectoplasma*, pelo mesmo Professor Richet.

Em homenagem à verdade histórica, devo consignar que as *materializações ideoplásticas* já eram conhecidas de meio século antes e despertaram de modo especial a atenção dos investigadores.

Quanto à *substância ectoplásmica*, essa era já conhecida dos alquimistas do século XVII, assim como de Emanuel Swedenborg.

Efetivamente, o Dr. N. B. Wolfe fala longamente de *materializações ideoplásticas*, na sua obra: *Starting Facts in Modern Spiritualism* (1869).

De *substância ectoplásmica* falam dois grandes alquimistas, quais Paracelso, que a denominou *Mysterium Magnum*, e Tomas Vaogan, que a definiu por *Matéria Prima*.

Este último tinha-a provocado pela transudação do corpo de sua mulher.

Quanto a Swedenborg, parece que experimentou consigo mesmo, visto que, em sua primeira visão iniciática, nos fala de “uma espécie de vapor que lhe saía de todos os poros, um vapor d’água assaz visível, que descia até roçar no tapete”.

Ainda que de ideoplastia não se falasse senão mais tarde, depois de alguns anos, ela estava realmente subentendida, desde a época em que se obtiveram os primeiros fenômenos de materialização, visto que os fantasmas materializados apareciam envoltos em véus, o que demonstra que o pensamento e a vontade são capazes de plasmar a matéria, criando tecidos.

Pouco importa fossem pensamento e vontade agentes atribuídos a defuntos ou a vivos, de vez que, em ambos os casos, se tratavam, a despeito de tudo, de uma forma plástica inerente à idéia.

Na ordem das manifestações naturais, sejam fisiológicas ou patológicas, sempre se conheceram categorias de fenômenos que deveriam fazer pressagiar a existência de propriedades plásticas e organizadoras no pensamento e na vontade subscientes.

Assim, por exemplo, no caso do “mimetismo” de algumas espécies animais, e nos de “novi” e estigmas, da espécie humana.

Limitar-me-ei, nesse sentido, a transcrever uma página do Dr. Gustave Geley, na qual se encontram ligeiramente resumidas essas manifestações.

Em seu livro *Do Inconsciente ao Consciente*, escreve ele à pág. 63:

“Os fenômenos de estigmatização, de modificações trófi-
cas cutâneas por sugestão, não passam de fenômenos ele-
mentares de ideoplastia, infinitamente mais simples, posto
que da mesma ordem, que os fenômenos de materialização.

As curas ditas miraculosas são frutos da mesma ideoplas-
tia, orientada por sugestão ou auto-sugestão, num sentido
favorável às reparações orgânicas e concentrando em tempo

dado, nesse sentido, toda a potencialidade do dinamismo vital.

É preciso notar que a força ideoplástica subconsciente, reparadora, é muito mais ativa nos animais inferiores do que no homem, e isto indubitavelmente porque, neste último, a função cerebral avassala e desvia, a seu proveito, a maior parte da força vital.

Não há nenhum milagre no retorno accidental à organização humana, de ações dinâmicas e ideoplásticas, que constituem regra na base da escala animal.

Os *fenômenos de mimetismo*, tão uniformemente frequentes nos animais quanto misteriosos em seu mecanismo, também se podem explicar pela ideoplastia do subconsciente.

O instinto provocaria, nesse caso, simplesmente a ideoplastia num sentido favorável, e os efeitos desta última seriam, a seguir, facilitados e fixados pelos fatores de seleção e adaptação.”

Por fim, é oportuno acentuar que, se a hipótese ideoplástica se impôs de modo definitivo em virtude das experiências com os médiuns a que nos temos referido, ela já era prevista por intuição científica de diversos investigadores, tais como Hartmann, Aksakof, Du Prel e o Cel. de Rochas.

Os três primeiros abordaram-na como “hipótese de trabalho” apenas, ao passo que o último já a expende baseado em suas próprias experiências com Eusápia Paladino.

Assim é que, diz ele:

“Outras experiências ... tendem a provar que a matéria fluídica exteriorizada pode modelar-se sob a influência de uma vontade assaz poderosa, tal como a argila nas mãos do escultor.

Podemos presumir que Eusápia, depois de passar por diversos centros espíritas, concebeu na sua imaginação um John King, de expressão bem definida, e não só lhe toma a personalidade verbal, como também consegue imprimir-lhe

formas orgânicas, quando produz a distancia, sobre argila, impressões de cabeças humanas, a exemplo do que sucedeu na Itália.

Nem outra origem teria tido o fole visto pelo Sr. de Gramont, de vez que não é mais difícil representar um objeto qualquer, do que representar um membro do corpo humano.

Mas, se nada nos prova que John existia também nada nos foi provado em contrário.

De resto, assim pensando, não somos únicos no mundo.

Pessoas outras conheço eu, absolutamente fidedignas, e que relatam fatos que se não podem explicar senão com o auxílio da *posse temporária do corpo fluídico exteriorizado*, exercida por uma entidade inteligente, de origem desconhecida.

Tais as materializações de *corpos humanos integrais* observadas por Crookes com a srta. Florence Cook, por James Tissot com Eglinton, por Aksakof com a Senhora d'Esperance.” (*Anais das Ciências Psíquicas*, 1897, págs. 25-26)

Pode-se ver, assim, que desde 1896 o Cel. Rochas não só tivera a intuição da hipótese ideoplástica, como também a *circunscrevera a justos limites*, sabiamente advertindo que, se devemos admitir a existência de fenômenos que permitem atribuir ao pensamento subconsciente do médium uma energia plástica e organizadora, demonstrado estão, igualmente, que fenômenos outros há, cuja explicação se torna impossível, desde que se não admita a intervenção de um pensamento organizador, estranho ao médium e aos assistentes.

Hoje, mais que nunca, esta é a verdadeira e única solução do enigma assaz complexo.

À proporção que avançamos na investigação dos múltiplos ramos que constituem as doutrinas metapsíquicas, vemos ressaltar, de mais a mais, a grande verdade do princípio segundo o qual *Animismo* e *Espiritismo* são complementares recíprocos, tendo ambos uma causa única: o *espírito humano*, que *encarnado* produz fenômenos anímicos e *desencarnado* determina fenômenos espíritas.

Isto é tão verdadeiro que, quando se pretende contestar uma ou outra das modalidades que perfazem o problema em equação, torna-se literalmente impossível explicar o *conjunto dos fatos*.

Isto posto, preliminarmente, prossigo no meu propósito, não sem prevenir aos meus leitores que pretendo fornecer-lhes uma simples e sumaríssima exposição dos fenômenos ideoplásticos, de vez que o tema é assaz vasto para ser devidamente desenvolvido em uma hora de síntese geral, como esta.

Por outro lado, trata-se de investigações tão recentes e tão largamente discutidas nos tratados e revistas especializados no assunto, que todos os metapsiquistas as conhecem.

Relativamente à natureza do *ectoplasma*, reporto-me às passagens essenciais da descrição que dele faz o Dr. Geley, nos seguintes termos:

“O *processus* da materialização pode ser resumido da seguinte forma: Do corpo do médium transpira e exterioriza-se uma substância amorfa ou polimorfa, que toma representações diversas, ordinariamente de órgãos mais ou menos completos.

Substância móvel, ora ela evolui lentamente, sobe, desce, resvala sobre a médium nas espáduas, peito, joelhos, em movimentos coleantes que lembram um réptil, ora por bruscas quão rápidas evoluções, aparecendo e desaparecendo como relâmpagos...

Essa substância apresenta grande sensibilidade, aliada a uma espécie de instinto, comparável ao instinto de conservação dos invertebrados.

É qual se tivesse a perfeita desconfiança de um animal sem defesa, ou cuja única defesa consiste em reentrar no corpo do médium, que lhe deu origem.

Assim é que teme os contactos, sempre pronta a ocultar-se e reabsorver-se.

A sua tendência para organizar-se é imediata e irresistível, pois não permanece muito tempo no seu estado original.

Freqüentemente, essa organização é tão rápida que não deixa ver a substância primordial.

Outras vezes, são vistas simultaneamente a substância amorfa e representações mais ou menos completas, englobadas em sua massa, como seja um dedo, entre franjas de substância.

Outras vezes são cabeças, e os rostos que na substância aparecem envoltos.” (*Do Inconsciente ao Consciente*, págs. 53-58).

Por sua vez, a srta. Felícia Scatterd assim se refere à atitude do ectoplasma, no curso de uma das suas numerosas sessões:

“Almoçamos com Marta (Eva C...) e, quando terminamos o almoço, ela manifestou o desejo de me proporcionar uma sessão.

Resistia-lhe ao propósito, no temor de fatigá-la, mas, tal foi a sua insistência, que a Sra. Bisson acabou intervindo e opinando que melhor fora não lhe contrariar os desejos.

Iniciado o trabalho, a médium caiu logo em profundo transe, cabeça pendida para trás, de modo que nada lhe seria possível perceber na sua frente, ainda que acordada estivesse.

Abertas ficaram as cortinas do gabinete mediúnico, cuja luz baixamos um pouco.

Ainda estávamos conversando, quando, de repente, vimos aparecer no assoalho abundante massa de substância, cerca de 18 polegadas distante e à esquerda da cadeira da médium.

Essa substância era de alvura extraordinária e ligeiramente luminosa.

De mim para mim, pensei: “Como se pode produzir semelhante coisa? Quem sabe se essa substância está ligada à médium?”

E o controle da médium logo respondeu à minha pergunta mental, dizendo: “Não há ligações quaisquer; pode passar a mão entre a substância e o corpo da médium.”

Assim o fiz, sem inconvenientes.

Depois, coloquei um lenço branco, perfeitamente limpo, ao lado da substância, a fim de lhe avaliar a alvura e verifiquei que o lenço me parecia antes cinzento, comparado à substância misteriosa.

Coloquei-me, depois, à feição de poder tocar a substância sem ser vista, mas, quando estava a pique de o fazer, todo o corpo do médium se contorceu em convulsivo espasmo, e o controle exclamou:

– “Não me toque, não me toque, porque me mataria!”

Arrependida da tentativa inconsiderada, humildemente procurei desculpar-me.

Todavia, mais tarde, espontaneamente me autorizaram esse toque, e assim constatei que essa substância oferece certa resistência ao tato, comparável à clara de ovo.

E quanto à sua temperatura, pareceu-me um pouco inferior à do ambiente em que nos encontrávamos.

Seria interessante pesar essa substância, disse eu à Sra. Bisson, mas compreendo, ao mesmo tempo, que se nos torna impossível fazê-lo, de vez que o seu manuseio pode prejudicar a médium.

Sorriu-se a Sra. Bisson e, dirigindo-se à filha, pediu-lhe fosse à cozinha buscar uma balança.

Nesse comenos, a mágica substância alongou-se, tomou a forma de um réptil, de onde concluo houvesse compreendido o que dela pretendíamos.

Chegada a balança, foi-me dado experimentar uma das mais fortes emoções da minha vida.

É que a substância, qual serpente que se levantasse sobre a cauda, viera colocar-se num dos pratos da balança, que estava sobre um pedestal, na altura de 28 centímetros do assoalho.

E ali permaneceu todo o tempo necessário à verificação do seu peso, por mim julgado levíssimo, em relação ao volume.

Serpeando depois para trás, deixou o prato e baixou ao assoalho, para retomar o primitivo aspecto informe.

Depois, enquanto a observava, sumiu-se. Não se retraiu, não se dissolveu; simplesmente – desapareceu.” (*Light*, 1921, págs. 809-810).

Seria inútil perdermo-nos em conjeturas sobre a natureza dessa substância viva, sensível, inteligente, capaz de aparecer e desaparecer num relâmpago, pois isso equivaleria a pretendermos explicar o mistério da vida, que é segredo de Deus.

Contentemo-nos em registrar o que ressalta da nossa mentalidade finita, à qual não é lícito ultrapassar as leis reguladoras dos fenômenos.

Limitar-me-ei, portanto, a anotar que, neste caso, tudo contribui para demonstrar que a substância viva, exteriorizada, obedece à vontade do subconsciente do médium.

Daí, importa inferir que, da mesma forma pela qual, graças à vontade do médium, essa substância consegue moldar-se à forma de réptil para alçar-se a balanças e deixar-se pesar, assim também, em circunstâncias outras, ela consegue moldar semblantes humanos, conhecidos do médium, como a demonstrar que o pensamento e a vontade subconscientes são, precisamente, forças plásticas e organizadoras.

Mas isto não é tudo, porquanto, ensinando-nos outras experiências que, muitas vezes, os semblantes materializados são desconhecidos do médium, embora o sejam dos assistentes, conclui-se que a substância viva é capaz de obedecer à vontade subconsciente de terceiras pessoas presentes, ou de lhes sofrer a influência, através do médium.

Finalmente, como circunstâncias outras ocorrem, nas quais as formas materializadas, vivas e falantes, são pessoas já falecidas e desconhecidas do médium e dos assistentes, devemos deduzir que a substância viva exteriorizada é suscetível de obedecer a entidades espirituais de desencarnados, ou – o que vem a dar no mesmo – de sofrer-lhes as influências através do médium.

Isto posto, convém jamais perder de vista as conclusões expostas, mediante as quais constatamos que, se é verdade que a

substância viva, exteriorizada, obedece a uma força organizadora inerente ao pensamento e vontade humanas, também é verdade que tais – pensamento e vontade – não pertencem exclusivamente à personalidade integral subconsciente do médium, mas provêm, algumas vezes, dos experimentadores e, muitas outras vezes, de entidades espirituais, de criaturas falecidas.

Desta terceira categoria de manifestações não me ocuparei, visto que o tema aqui versado se prende aos casos em que a vontade organizadora é a do médium e dos assistentes, ou seja, dos vivos.

Resta-me, apenas, passar em revista alguns casos mais importantes desse gênero.

*

Princípio por assinalar um fenômeno curioso, contra a realização do qual importa saibam prevenir-se os experimentadores.

Esse fenômeno decorre da ductilidade com a qual a mentalidade subconsciente do médium de materializações absorve as idéias nitidamente definidas, formuladas verbal e mesmo mentalmente pelos experimentadores e pelos circunstantes.

Assim se constata que, se o experimentador imagina uma teoria *a priori*, mais ou menos mecânica e mediante a qual se opera um dado fenômeno físico, vê-la-á confirmada *a posteriori*.

Terá ele, então, a ilusão de haver sido instruído da verdade, quando realmente mais não fez que suggestionar o médium, predispondo-o a reproduzir, com a substância ectoplásmica, o modelo concreto da sua própria teoria.

Assim, por exemplo, o Dr. Crawford, professor de mecânica, tendo imaginado *a priori* que as levitações da mesa se davam graças a uma “alavanca fluídica” que, saindo do organismo do médium, descia até ao solo para distender-se depois em braço vertical que tocasse o fundo da mesa e a levantasse, teve a surpresa de verificar que as provas fotográficas dessas levitações lhe davam absoluta razão, isto é: a tal “alavanca fluídica” existia, de fato, constituída pela forma imaginada.

Mas, essa verificação de um fato não significava de modo algum que as levitações de mesa, em geral, se operassem dessa maneira, pois na verdade era a vontade subconsciente do médium que, tendo agasalhado a sugestão verbal de Crawford, lhe proporcionara docilmente a “alavanca” por ele pressuposta.

Esta explicação do fenômeno em apreço ninguém mais recusa, nem dela duvida.

Dá-se, em suma, com as materializações, a mesma coisa que já se dera com o hipnotismo, a respeito do qual os primeiros investigadores científicos, inclusive o eminente Charcot, tinham nitidamente formulado, baseando-se em fatos, as leis da sugestão e as fases específicas do sono letárgico e cataléptico dos pacientes; leis e fases que, na realidade, mais não eram que a consequência sugestiva das idéias teóricas preconcebidas pelos diferentes hipnotizadores.

É o que observamos atualmente a propósito do polimorfismo da substância ectoplásmica exteriorizada, que pode por sugestão ou auto-sugestão revestir todas as formas imagináveis.

Daí resulta que os experimentadores devem manter-se em condições mentais absolutamente neutras, no que toca às modalidades das representações materializadas, deixando aos processos científicos da análise comparada e da convergência das provas a tarefa difícil de esclarecer o grande mistério.

No que concerne aos casos de materialização plástica de semblantes – quase sempre lisos –, não parece necessário estender-me no seu relato, de vez que todos os metapsiquistas os conhecem.

Bastará tocar sumariamente nos principais.

Lembrarei, antes de tudo, que, de 1865 a 1870, o Dr. N. B. Wolfe obtivera com o médium Hollis magníficas materializações plásticas de rostos e bustos inteiros, quer lisos, quer em baixos relevos, entre eles os bustos coloridos, em tamanho natural, de Napoleão e da Imperatriz Josefina, isto talvez em concordância com o fato de ser grande admirador do monarca e fazer estudos sobre a família dele.

Mais recentemente, manifestações dessa ordem reproduziram-se algumas vezes com Eusápia Paladino, como já precedentemente lembrei, ao citar uma passagem do relatório do Cel. de Rochas.

Com a médium srta. Linda Gazzera também se obtiveram reproduções dessa natureza, dentre as quais uma levantou na França e na Itália um turbilhão de polêmicas, devidas na maior parte a jornalistas ignorantes e pretensiosos, que julgaram a ocasião excelente para denegrir a mediunidade, visto se prestar o fato, superficialmente, a inquinação de fraude.

Essa reprodução ideoplástica fora obtida em Paris, na presença do professor Richet, e havia sido devidamente fotografada.

Vê-se na fotografia a médium mergulhada em profundo sono, mãos entrelaçadas sobre o peito.

Acima dela, um pouco atrás, estava uma cabeça materializada, um tanto de través, e que olhava para cima em atitude extática; e isso pareceu tão insólito aos experimentadores, que eles a denominaram “cabeça de louco”.

Mas eis que não tardou descobrir-se que o tal semblante de extático era um esboço de reprodução plástica da cabeça de S. João, do pintor Rubens, que a médium havia contemplado com admiração, alguns dias antes, no museu do Louvre.

O confronto das duas fisionomias não deixou dúvidas quanto à sua identidade, ainda que a reprodução plástica fosse sensivelmente diferente nos pormenores, sobretudo no concernente aos olhos, que, na mesma atitude de alta visada, do quadro de Rubens, apresentam órbitas dilatadas, quando no original são normais e magníficos.

Compreensível, no entanto, a causa dessa inexatidão ideoplástica: — é o detalhe frisante dos olhos do santo, que, olhando para o alto, têm as órbitas invadidas pela córnea branca, produzindo no observador perfunctório a impressão de exorbitância, impressão esta que o médium evidentemente experimentara e acabou reproduzindo, ideoplasticamente exagerada.

Lembrarei, enfim, as famosas experiências da Sra. Bisson e do Doutor Schrenck-Notzing com a conhecidíssima médium srta.

Eva C..., experiências essas que contribuíram, mais que todas, para demonstrar, de modo experimentalmente decisivo, a realidade dos fenômenos ideoplásticos.

Compreende-se que essa série de experiências suscitasse, a seu turno, polêmicas ardentes e rancorosas nos jornais cotidianos e revistas mundanas, decalcadas no tema da fraude universal.

Para ser imparcial, direi que a mesma circunstância de a médium Eva C... fornecer as melhores provas de imagens ideoplásticas, facilmente reconhecíveis como tais, era já de si bastante para fazer previsto o recrudescimento inevitável das suspeitas de fraude, da parte de quantos, ignorando tudo o que concerne à metapsíquica, consideram-se os mais competentes para versá-la.

Mas, no caso em apreço, a má fé dos contraditores ressalta do fato de, na sustentação dos seus pontos de vista, não quererem tomar conhecimento das respectivas atas, que demonstravam de modo irrefutável a impossibilidade material da ocorrência de suas insulas fantasias.

O Dr. Schrenck-Notzing respondeu a todos os desse grupo de incompetentes, de modo a reduzi-los ao silêncio.

Os retratos ideoplásticos que apresentam grande semelhança com personagens políticas e artísticas, contemporâneas, foram sete em trinta.

E, em três deles, a identidade afigurou-se incontestável

São eles: o do presidente Wilson, publicado pela revista *Miroir* a 17 de novembro de 1912, isto é, 10 dias antes da sessão em que foi plasticamente reproduzido; o do presidente Poincaré, que apareceu na mesma revista em 21 de abril e foi reproduzido por Eva C... aos 6 de março, e finalmente *A Gioconda*, o célebre quadro de Vinci, roubado dias antes das galerias do Louvre e publicado por grande número de jornais.

A esse respeito convém notar que nessas experiências, quando se consegue fotografar sucessivamente, com intervalo de minutos, o mesmo semblante, há sempre diferenças muito sensíveis nas reproduções, com relação à posição da cabeça, aos contornos do rosto, à expressão fisionômica.

Assim, por exemplo, se na primeira fotografia se deparava um semblante de olhos semicerrados, na segunda já eles apareciam arregalados. De outras vezes, havia aperfeiçoamentos notáveis na conformação geral e nitidez das linhas, isto é, constatava-se que, no intervalo de duas “poses”, a imagem ideoplástica se aprimorava.

Ora, esse fato é de considerável valor teórico; primeiro porque chegamos assim a compreender em função o trabalho artístico da força plástica, e segundo porque o fato é de si mesmo suficiente para demolir todas as insulsas presunções de fraude, fundadas nos autênticos retratos expostos pela médium.

Ao demais, ela, a médium, era despida, examinada, revestida e cosida numa espécie de saco de *surah*, de mangas fechadas.

Eis como, a respeito, conclui o Dr. Schrenck-Notzing:

“O fato de haverem os fenômenos, em muitos casos, reproduzido idéias da médium, deve ser considerado como um fato constatado por numerosas observações...

Os resultados da ideoplastia dependem, muito intimamente, da vida psíquica da pessoa que serve à experiência, da opulência das suas lembranças, assim como da intensidade das concepções dominantes para cada experiência.

Com Eva C... as imagens ópticas da memória representam, evidentemente, o papel preponderante (tipo de concepção visual).

Segue-se, daí, que o principal de um retrato pode ser completamente esquecido, ao passo que detalhes insignificantes, quais, por exemplo, o padrão de uma gravata, uma verruga, a forma de uma gravura pendente à vista, certas linhas e tipos faciais, sejam reproduzidos de modo preciso...”
(*Anais das Ciências Psíquicas*, 1914, págs. 141-142).

O professor Flournoy adverte por sua vez:

“As lembranças latentes do médium, ou o jogo da sua imaginação, materializam-se literalmente no exterior, tornam-se visíveis e fotografáveis, modelando à sua imagem a misteriosa substância segregada do seu organismo.

Esta é, de resto, a explicação dada pela própria Eva C... durante os seus transe:

“No estado sonambúlico, presume a médium que a substância material palpável não passa de acessório, enquanto que o principal é uma força invisível, que dela se desprende, ao mesmo tempo em que a substância se modela, qual massa nas mãos do escultor.”

É assim como uma espécie de demiurgo, que cria os objetos e imprime diretamente na matéria amorfa as idéias que lhe perpassam pelo cérebro, ou os sonhos da sua imaginação.” (*Anais*, 1914, pág. 149).

Parece-me que acabo de dizer o bastante para demonstrar a realidade incontestável dos fenômenos de ideoplastia, cuja existência era já prevista, e subentendida dos fenômenos análogos, da “fotografia mental”. Estes, por sua vez, já deixam prever a realidade dos fenômenos da “objetivação das imagens” visualizadas pelos *sensitivos*.

Estes fenômenos confirmavam a opinião dos que encaravam também como objetivas as imagens alucinatórias das experiências de sugestão hipnótica e pós-hipnótica, assim como as imagens alucinatórias visualizadas pelos artistas e escritores, e, em regra, as alucinações patológicas, propriamente ditas.

Evidente, pois, que nos encontramos em face de todo um encadeamento de fenômenos favoráveis à nossa tese, pois que se trata de uma escala progressiva e ininterrupta de fenômenos, na qual cada classe de manifestação confirma e é pelas outras reciprocamente confirmada.

Segue-se que, consideradas no seu conjunto, verifica-se constituírem elas um bloco homogêneo e sintético de resultados experimentais, cuja significação ressalta evidente e indiscutível para quem quer que seja, nestes termos: *o pensamento e a vontade são forças plásticas e organizadoras*.

Conclusões

Está terminada a parte demonstrativa desta obra.

Resta-me falar das grandes transformações que devem dar-se, necessariamente, nos domínios das ciências biológicas, fisiológicas, psicológicas e filosóficas, graças ao novo conceito relativo à natureza do espírito humano, conceito esse absolutamente revolucionário, que os fatos impõem.

Neste sentido, assim se externa o Doutor Geley:

“Que quer dizer o vocábulo *ideoplastia*? Quer dizer moldagem da matéria viva, feita pela idéia.

A noção da ideoplastia, imposta pelos fatos, é capital.

A idéia não é mais um atributo, um produto da matéria. Ao contrário, ela, a idéia, é que modela a matéria e lhe confere a forma e os seus atributos.

Noutros termos, a matéria, a substância única se resolve, em última análise, num dinamismo superior que a condiciona, estando esse dinamismo também na dependência da idéia.

Ora, isso é *o soçobro total da fisiologia materialista*.

Disse-o Flammarion, em seu livro admirável *As forças naturais desconhecidas*, que estas manifestações “confirmam o que, ao demais, sabemos, isto é, que a explicação puramente mecânica da Natureza é insuficiente e existe no Universo alguma coisa outra, além da pretensa matéria. Não é a matéria que rege o mundo, mas um elemento dinâmico e psíquico.”

Sim, as materializações ideoplásticas demonstram que o ser vivo não pode considerar-se um simples complexo celular.

Ele, o ser vivo, aparece-nos, antes de tudo, como um *dínamo-psiquismo* e o complexo celular que lhe forma o corpo não é mais que um retrato ideoplástico desse *dínamo-psiquismo*.

Assim, as formas materializadas, nas sessões, se beneficiam do mesmo processo de geração.

Não são mais nem menos miraculosas, nem supranormais, ou, se o preferem, o são igualmente.

É o mesmo milagre ideoplástico que forma, a expensas do corpo materno, mãos, rosto, vísceras, todos os tecidos, o feto integral; como a expensas do corpo do médium se formam rostos, mãos, ou todo o organismo de uma materialização.

Esta singular analogia, entre a fisiologia normal e a dita supranormal, encontra-se até nos mínimos detalhes.

Um dos principais é este: – a ligação do ectoplasma ao médium por um laço nutritivo, verdadeiro cordão umbilical, comparável ao que liga o embrião ao organismo materno.” (*Do Inconsciente ao Consciente*, págs. 69-70).

Depois de haver evidenciado as grandiosas conseqüências biológicas, fisiológicas e psicológicas que a nova teoria sobre a potência criadora da idéia acarretará, julga-se o doutor Geley no dever de completá-la, notando que a faculdade ideoplástica, inerente à idéia, não representa mais que simples unidade entre as múltiplas faculdades supranormais, que constituem os atributos espirituais do *Eu* integral, sobrevivente. Diz ele:

“Certo é, pois, que o organismo, longe de ser o organizador da idéia, tal como ensina a teoria materialista, é, muito ao contrário, condicionado pela idéia, e só aparece como produto ideoplástico do que existe de essencial no ser, ou seja o seu psiquismo subconsciente.

Mas, ainda isto não é tudo.

Esse subconsciente que em si tem as capacidades diretoras e centralizadoras do *Eu* em todas as suas representações, tem também o poder de elevar-se acima dessas mesmas representações.

As faculdades telepáticas de ação mento-mental ou de lucidez, são representações que escapam precisamente das condições dinâmicas ou materiais que as regem.

O subconsciente paira mesmo acima do quadro das representações, isto é, do tempo e do espaço, na intuição, na genialidade, na clarividência.

Assim, a tese sustentada por Carl Du Prel em suas obras de admirável intuição; que Myers baseou em sólida documentação e nós mesmo o fazemos sobre um raciocínio não contestado, oferece-se agora, em toda a sua amplitude, ao exame e discussão dos sábios e pensadores de boa fé.

Sem reserva, pode-se afirmar:

– *Há no ser vivo um dinamismo psíquico que constitui a essência do “Eu”, e que se não pode ligar ao funcionamento dos centros nervosos.*

Esse dínamo-psiquismo essencial não é condicionado pelo organismo, mas, muito pelo contrário, tudo se passa como se organismo e funcionamento cerebral fossem por ele condicionados.” (Idem, págs. 142-143).

Esta nova definição científica do Ser vivente decorre irrefutável e segura, deste grande acontecimento: o de haver sido demonstrada pelos fatos.

É a definição pela qual o *Pensamento* e a *Vontade* são forças plásticas e organizadoras.

E tão grande é o valor teórico dessa demonstração, que abre uma nova época científica, por desmoronar totalmente, antes de tudo, as imponentes mas fictícias construções laboriosamente estabelecidas por numerosos grupos de investigações pertencentes a todos os ramos científicos, decalcadas no postulado da *onipotência da matéria*, quando, na verdade, deverá o templo alicerçar-se no postulado diametralmente contrário, da *onipotência do espírito*.

Advertirei, todavia, que a demolição do velho edifício científico não significa, de qualquer modo, que os representantes do saber tenham trabalhado em vão por todo um século.

Longe disso, o novo templo do saber há de ser reconstruído com os materiais preciosos retirados da demolição do templo velho.

Esses materiais eram bons, mas o fundamento estava mal posto, de vez que assente sobre as areias enganadoras das *aparências fenomênicas*, de mistura a prejuízos de escola e, por isso mesmo, fatalmente destinados a esboroarem-se, logo que a REALIDADE, *oculta sob as aparências*, emergisse de uma análise mais profunda dos fenômenos vitais.

*

Tudo quanto até aqui tenho dito concerne ao ponto de vista científico da questão.

Passando ao ponto de vista filosófico, importa considerar certas induções grandiosas, que abrolham espontaneamente da tese de que nos ocupamos.

O professor Hyslop, partindo de algumas pesquisas muito mais circunscritas do que as encaradas nesta obra, pois que se limitava a examinar os fenômenos de *telecinesia* (movimentos de objetos sem contacto), chegou às mesmas conclusões quanto ao fato de a idéia exercer um poder direto sobre a matéria, e aproveitou o ensejo para assinalar o grande alcance filosófico dessas constatações.

É assim que escreve ele:

“Se conseguíssemos um dia demonstrar a existência autenticamente supranormal de fenômenos físicos ligados a fenômenos intelectuais de natureza supranormal, de modo a podermos atribuir ambos à mesma causa, atingiríamos, assim, a conclusões de enorme valor cósmico.

A descoberta de uma inteligência extra-orgânica, capaz de mover a matéria sem intervenção dos meios normais – mesmo estando a mediunidade associada a esses movimentos na maior parte do tempo – equivaleria a considerar aberto o problema concernente às relações de inteligência e movimento.

Se, por outro lado, chegássemos a estabelecer o outro fato concomitante da *telecinesia*, devido a inteligências estranhas, isto é, se chegássemos a estabelecer a realidade do movimento de objetos sem contacto, graças à intervenção

direta de entidades desencarnadas, isso equivaleria a considerar aberto outro problema, relativo à existência de uma INTELIGÊNCIA que superintende o MOVIMENTO UNIVERSAL.” (*Contact with the other World*, pág. 337).

Como vemos, o professor Hyslop, firmando-se em deduções tiradas dos poderes da inteligência humana *encarnada*, sobre os movimentos de objetos sem contacto e dos poderes análogos, inerentes às inteligências humanas *desencarnadas*, se compraz a encarar esses mesmos poderes em suas relações incontestáveis com a potência análoga, imanente no Universo infinito, o que leva a concluir pela existência, na inteligência humana e finita, de um atributo característico da Inteligência infinita, que determina e regula o movimento universal.

Por outro lado, se adicionarmos às especulações do professor Hyslop, relativas aos fenômenos da *telecinesia*, os resultados já enunciados a respeito dos outros poderes da idéia, muito mais prodigiosos por capazes de organizar até a matéria viva, notaremos que o paralelismo, assim completado, manifesta mais que nunca a existência de atributos comuns entre a *Inteligência finita* e a *Inteligência infinita*.

Tais atributos são partilhados em proporções infinitesimais pelas individualidades pensantes e, por quantitativamente insignificantes em face da divina onipotência, não deixam, todavia, de ser qualitativamente análogos a esta, o que prova que a inteligência humana deve ser encarada como parcela individual da *Inteligência infinita*, imanente no Universo.

Filosoficamente legítimas estas grandiosas induções, há, contudo, muitas outras analogias, que ressaltam espontaneamente do nosso conceito do ser.

Assim, observa o Prof. William Barrett:

“A Criação não é mais que o pensamento divino exteriorizado, e desse atributo divino nós partilhamos muito limitadamente, como parcelas da INTELIGÊNCIA INFINITA.” (*On the Threshold of the Unseen*, pág. 154).

E mais adiante, acrescenta:

“Somos, por isso, levados a emitir o postulado da existência de uma INTELIGÊNCIA SUPREMA e a considerar o Universo como expressão do pensamento divino, sustentado perpetuamente por sua divina vontade. Esta é, incontestavelmente, a mais racional e segura interpretação da Natureza.” (Idem, pág. 273).

Notemos que nesta última passagem, ao dizer que o Universo é a expressão do pensamento divino, *perpetuamente sustentado* por sua vontade, o Sr. Barrett afirma uma idéia ligada por estreita analogia às manifestações da ideoplastia e das imagens mentais, pois a verdade é que, salvo circunstâncias especiais, as criações mentais persistem sob a condição de não cessar o pensamento criador.

Desde que cesse o alimento pensante, essas criações se dissipam imediatamente.

Dá-se, em suma, com as criações do pensamento humano o que Barrett pensa devermos atribuir à incessante ação do pensamento criador da *Suprema Inteligência*, ação permanente, filosoficamente necessária para explicar o Universo e a ordem admirável que nele reina de modo permanente.

Dever-se-ia, pois concluir que, se a ação constante do pensamento de Deus, objetivada nos astros inumeráveis que esmaltam o Universo; na lei de gravitação que os governa; na própria existência do espaço e do tempo, viesse a falhar por um instante, os mundos se dissolveriam em o nada.

Paulo Le Cour, num longo estudo publicado nos *Anais das Ciências Psíquicas* (1913, pág. 161), intitulado *Nebulosas mediúnicas e nebulosas astronômicas*, assinalou, de modo impressionante, as analogias existentes entre as modalidades de produção, condensação e transformação das nebulosas mediúnicas e as múltiplas formas de condensação das nebulosas astronômicas, nas quais se observa um movimento rotativo em torno do centro de gravidade do sistema, tais como formas esferoidais e espirais predominantes, a exemplo do que se dá com as nebulosas mediúnicas. Daí se conclui que, se é verdade – e verdade incontestável – que a força atuante nas nebulosas mediúnicas provém da

vontade subconsciente do médium, a força das nebulosas astronômicas deve provir da vontade de uma *Inteligência Infinita*, imanente e eternamente operante no Universo.

Ao referir-se às experiências do Dr. Ochorowicz, diz ele:

“A mim me parece que atingimos o processo da condensação do éter em sua origem.

É mesmo curiosíssimo constatar que as pequenas nebulosas de que tratamos também se apresentam sob forma ora esferoidal, ora elipticamente achatada.

Uma houve que, examinada à lente biconvexa, se decompunha em espiral prolongada fora da bola central, e formava quatro voltas de mais a mais frouxas; assim uma espécie de serpente enrodilhada sobre si mesma e constituída de um núcleo mais claro.

Aí temos a exata descrição de algumas nebulosas do tipo da dos “Cães de caça”, cuja forma espiral, sendo uma das mais espalhadas, parece corresponder a um dado período de evolução da mesma nebulosa.”

Eis os termos em que o autor sintetiza os resultados da sua análise comparativa:

“Como vimos, as transformações da matéria das nebulosas mediúnicas e das nebulosas celestes apresentam certo número de analogias surpreendentes.

Podemos assim resumi-las:

- 1º) São formadas dos mesmos ou do mesmo elemento – o éter –, em virtude da teoria da unicidade da matéria;
- 2º) Formam-se umas e outras, na obscuridade;
- 3º) Possuem uma luminosidade original, provavelmente elétrica, e emitem raios ultravioletas;
- 4º) Em umas como em outras, a evolução se opera pela rotação dos elementos constitutivos, formações esferoidais, etc.;
- 5º) Finalmente, umas e outras chegam a formar corpos sólidos, por condensação progressiva.

Mas, se admitirmos que a causa original das nebulosas mediúnicas seja a vontade do médium e que elas são constituídas de materiais tirados do organismo deste, é preciso, então, para continuar o paralelismo, arriscar as duas seguintes proposições:

- 6º) As nebulosas astronômicas são também ideoplastias criadas pela vontade de um ser consciente, infinitamente mais poderoso do que o médium humilde, gerador de materializações;
- 7º) Esse ser forma também da sua própria substância as nebulosas geradoras dos mundos.

São absurdas estas hipóteses?

Certo, tocamos aqui nas mais árduas proposições da metapsíquica, questões que não serão quiçá jamais resolvidas, posto que, desde que há na Terra criaturas pensantes, muitas e muitas teorias hão sido emitidas a respeito.

Ora, não posso esquivar-me à surpresa de constatar que, entre tantos sistemas, um haja, e precisamente o mais antigo, rejeitado e retomado sucessivamente, através dos séculos, que se adapta perfeitamente às hipóteses agora atingidas.

Quero falar da velha doutrina panteísta, que encontramos originariamente na história da filosofia, dessa velha doutrina dos Vedas, segundo a qual a força única, denominada Brama pelos Hindus, é a causa única do Universo, que não passa de produto da ideação divina, força que, manifestando-se em tudo, incessantemente, não deixa de existir em si e por si mesma.

Seguindo a filiação dessas idéias, desde os tempos mais prístinos até os modernos, encontramos-as entre os Estóicos, que divinizavam a Natureza; em Plótino, Jâmblico e Próclus, declarando que Deus é tudo e tudo é Deus, não passando as criaturas de emanções da divindade, e no próprio S. Paulo quando afirma que nele vivemos, estamos e nos movemos.

Mais tarde, é Giordano Bruno que professa o panteísmo mais afoito, mais entusiasta, mais religioso.

É Spinoza, sobretudo, esse profundo pensador liberto de qualquer interesse material, superior a todas as sensações mundanas, a repartir as horas entre o estudo e o trabalho manual, a polir lentes astronômicas a quatro soldos diários.

Spinoza nos deu a mais vigorosa expressão do panteísmo.

Deus, diz ele, é a única substância que encarna em si tudo quanto existe; é a causa imanente de tudo.

Dos infinitos atributos divinos não conhecemos senão o pensamento e a grandeza; o mundo é o conjunto das modalidades desses dois atributos.

O corpo provém do atributo-grandeza; a alma, do atributo-pensamento.

A alma é um pensamento de Deus, a Ele idêntica em substância.

Enfim, mais recentemente ainda, os monistas expuseram igualmente a grandiosa idéia de uma causa única, simultaneamente força e matéria, da qual tudo procede.

Somente, para eles, o espírito, a inteligência, não é mais que o produto da matéria, evolvido à proporção que evoluíram as formas materiais.

A alma, dizem, não passa de um complexo de funções cerebrais, a causa única e inteligente.

Nós temos visto que se podia chegar a uma conclusão oposta.

Assim, pois, a grande idéia filosófica do panteísmo, partilhada por ilustres pensadores de todos os tempos, parece fundamental nesta comparação da gênese dos mundos e das materializações, que, de análogos efeitos, devem ter causas idênticas.”

A aplicação deste último axioma científico às conclusões a que chegou Paulo Le Cour, fundando-se nas analogias existentes entre nebulosas astronômicas e nebulosas mediúnicas, será muito mais legítima e eficaz se levarmos cumulativamente em conta as

suas e as nossas investigações, isto é, considerando o grande fato de se revelarem o pensamento e a vontade forças plásticas e organizadoras, em todas as suas manifestações.

Daí resulta, efetivamente, termos atingido, cada um de seu lado, as mesmas conclusões, graças à análise comparada dos diferentes fenômenos, o que constitui uma afirmação recíproca das conclusões em apreço.

Nestas condições, será preciso reconhecer que o *panteísmo* afigura-se o sistema filosófico mais convinável para interpretar, de modo acessível às nossas inteligências finitas, o grande mistério do Universo.

Mas, entendamo-nos: assim me expressando, aludo ao *panteísmo* compreendido em sentido espiritualista e não, absolutamente, no sentido materialista.

Aliás, já frisamos que esta última versão do *panteísmo*, denominada *monismo*, está irremediavelmente condenada pela demonstração de não ser o cérebro que condiciona as funções do pensamento, mas este que condiciona as funções cerebrais, ou, falando em outros termos, condenada pela demonstração de que o Pensamento e a Vontade são forças plásticas e organizadoras.

O conceito panteístico espiritualista do Universo conduz necessariamente a formular um outro complemento, já por mim sustentado em outra de minhas obras: a concepção do *Éter-Deus*.

Para não me repetir a mim mesmo, reporto-me aqui a uma bela página do Rev. John Page Hopp, que assim a escreveu:

“Eis as conclusões a que chegou a Ciência:

- Que há no Universo um laboratório universalmente difuso, no qual e do qual todas as *formas* e a *vida* se originam;
- Que é nesse e desse laboratório que se propaga cada movimento (que é a causa das *formas* e da *vida*).

À falta do termo mais exato – do qual teríamos necessidade – essa substância onipresente e aparentemente onisciente, é conhecida pelo nome de *éter*.

E esse éter, que enche o espaço infinito e não mais é matéria na acepção vulgar do vocábulo, visto não ser atômico, não opõe resistência à translação dos astros, nem está sujeito à lei da gravitação. Ele é a substância que penetra todas as coisas existentes, posto seja em si mesmo tão sutil que escapa a toda e qualquer análise. Ao demais, quando examinamos a matéria em sua constituição primitiva e chegamos ao átomo, constatamos que este, em última análise, por sua vez se dissipa no éter.

Logo, não é senão mercê desse Oceano Espiritual infinito (como qualificar de outro modo?) que a matéria existe.

Não é senão em virtude dessa misteriosa essência que se manifestam as *formas* e o *movimento*.

Ora, melhores considerações do que as que vimos de expor, não podem existir para auxiliar a concepção da idéia rudimentar da Divindade, no sentido de Essência Suprema onisciente, onipresente, onipotente, criadora do Universo em que vivemos, existimos e atuamos na mais estrita significação da palavra, e da qual tudo provém, para a ele voltar.

Aí, no entanto, devemos estacar, pois não sabemos nem compreendemos os modos de ser dessa Vida e Potência infinitas e onipresentes, tal como nada sabemos nem compreendemos da nossa própria existência.

Tudo quanto podemos afirmar é que, como necessidade decorrente de imperativos lógicos, somos forçados a inferir uma Causa Primária.

Por outro lado, há o fato da existência de uma Essência misteriosa e onipresente que abrange todas as coisas, todo o movimento, essência que denominamos Éter e constitui o começo e o fim de todo átomo. Este fato nos faculta a possibilidade única de nos aproximarmos, de qualquer modo, por intermédio da Ciência, da concepção de um Deus onipresente.” (*Light*, 1900, págs. 535 e 552).

Detenhamo-nos um momento a refletir, para bem aquilatar o valor dos argumentos que, à concepção de Deus-Éter, proporcio-

na a teoria do Pensamento e Vontade como forças plásticas e organizadoras.

Vimos que o Dr. Geley, ao examinar os fenômenos ideoplásticos, foi levado a formular concepção análoga, segundo a qual o Universo seria dominado por um “psicodinamismo imanente”, criador de todas as formas de vida, que, por sua vez, dependeriam de uma “Idéia-diretriz”.

Notarei, de passagem, que a “Idéia-diretriz” do Dr. Geley não é mais nem menos que a “Idéia-diretriz” do professor Claude Bernard, o que prova que a necessidade de atingir essa concepção da Vida é imperiosa para o esclarecido raciocínio científico, que o mais ilustre fisiologista dos tempos modernos se viu racionalmente obrigado a formular e colocar na base do seu sistema fisiológico.

Dito isto, notarei mais uma vez, que, assim estabelecida a existência de uma “Idéia-diretriz” nos fenômenos da vida, essa idéia nos leva, inevitavelmente, a formular a de uma Inteligência imanente no Universo, exercendo incessante e simultaneamente a sua influência diretiva em todos os ramos da Natureza; quer sob a forma de *afinidade química* no domínio da matéria, quer sob a de *instinto* no reino animal, quer sob a de *emergências subconscientes, intuitivas ou inteligentes*, na espécie humana.

Noutros termos: é evidente que as pesquisas sobre as modalidades de ação da “Idéia-diretriz” do Dr. Geley e do professor Claude Bernard conduzem, necessariamente, ao conceito do *Éter-Deus*.

Uma vez aí chegados, parece-nos prudente parar com as induções e especulações filosóficas, dado que não será jamais permitido ao mortal levantar o véu que oculta a gênese da Vida, pois isso equivaleria o penetrar a do Universo com a natureza de Deus.

Contentemo-nos, portanto, em examinar timidamente um outro mistério, que parece na atualidade menos inacessível ao estudo, graças às investigações metapsíquicas: o que diz respeito às modalidades pelas quais a “Idéia-diretriz” poderia exercer sua influência sobre a matéria viva.

Um velho poeta inglês, Edmond Spencer, escreveu, a propósito, o seguinte verso assaz sugestivo.

For soul is Form and doth the body make.

isto é, que o fenômeno que nos ocupa se daria porque *a alma é já uma forma que organiza o corpo*, ao molde da sua própria forma etérea.

Ora, está verificado haver, hoje, clarividentes *sensitivos* que, ao observarem uma planta em germinação, ou ainda uma larva de inseto, declaram espontaneamente, sem que alguém haja de antemão em tal pensado, perceber em torno da planta em germinação a forma fluídica da mesma planta desenvolvida, já com as respectivas flores, bem como em torno da larva a forma fluídica do inseto adulto.

Tudo isto nos parece extraordinariamente significativo, em correspondência com a intuição do poeta Edmond Spencer, isto é, que as formas fluídicas de vegetais, animais e seres humanos apareceriam previamente às formas orgânicas em vias de desenvolvimento, fazendo assim concluir que, por efeito da lei de afinidades, as moléculas de matéria viva ficariam em estado de gravitar infalivelmente no órgão que lhes compete, graças ao modelo fluídico preexistente, no qual está determinado, de antemão, o ponto exato da colocação de cada molécula.

Eis dois exemplos, de molde a auxiliar a compreensão do assunto.

Diz o professor F. M. Melton:

“Há realmente uma diferença característica entre o éter imanente na matéria orgânica, e o éter imanente na matéria inorgânica.

O que denominamos *ectoplasma* é, na realidade, “éter vitalizado”.

Este éter vitalizado não só não perdeu qualquer das suas propriedades características, como também adquiriu outra: a de partilhar do formidável mistério da vida.

A forma etérica ou ectoplásmica é o modelo, o arquétipo sobre o qual são construídas as formas organizadas, corres-

pondentes. Assim, as formas etéricas precedem sempre as orgânicas em suas diferentes fases de desenvolvimento.

Vou ilustrar esta idéia recorrendo a um exemplo tomado às minhas investigações experimentais.

Quando comecei a operar com o clarividente M. B., explicou-me ele que a forma ectoplásmica de uma rosa atingia a sua completa floração, antes da rosa natural.

E a propósito, sugeriu-me a idéia de fotografarmos um botão de rosa, sobre o qual exercera a sua ação fluídica, destinada a substancializar suficientemente a forma ectoplásmica já existente em pleno desenvolvimento, em torno do botão.

Cuidadosamente contamos, na fotografia assim obtida, as pétalas da rosa fluídica; e, quando a rosa real se abriu, verifiquei ser esta uma reprodução exata da rosa fluídica fotografada, com o mesmo número de pétalas naquela contadas.” (*Light*, 1921, pág. 448).

Aqui temos outros dois exemplos do mesmo gênero:

“No decurso de uma sessão com a médium senhora Dowden (Sra. Travers-Smith), eu perguntei à entidade que se manifestava (minha mulher) se lhe seria possível dizer-me naquele momento quais os animais que eu estava criando em nossa casa.

Respondeu-me que eram “tinhas”, e isto destacando letra por letra.

Ora, a curiosidade do fato está justamente em se tratar de “tinhas”, mas de uma espécie rara, que a falecida jamais vira, com certeza, quando na Terra, as quais ainda estavam em estado de lagarta, com a idade de um mês, e, portanto, carentes de dez a doze semanas para se transformarem em “tinhas”.

Tendo cientificado a entidade comunicante de que as minhas “tinhas” se encontravam ainda no estado larvar, ela me respondeu que as vira no estado que deveriam atingir em seu completo desenvolvimento, ou seja, de “tinhas”.

Daí concluímos que, para a vidência espiritual, a forma única perceptível seja a do desenvolvimento pleno do “corpo astral”.

De outra feita, perguntei à mesma entidade mediúnica; se uma paisagem que eu muito apreciava, sobre as Dunas, lhe apareciam como eu as via, e ela respondeu: “Sim, mas eu vejo muito mais que você. Percebo a forma de todos os botões e flores em que hão de abrolhar mais tarde.”

Resposta esta que confirma a precedente.” (*Light*, 1925, pág. 341).

Ao meu ver, tais são os fatos que se prestam a ilações reveladoras do mistério do Ser e das modalidades manifestadas pela Idéia-diretriz que regula os fenômenos da vida.

Deveríamos, pois, concluir de tudo isto que, nos fenômenos ideoplásticos, a Idéia-diretriz nascida na subconsciência do médium, ou na vontade de uma entidade desencarnada, exterioriza-se numa forma fluídica correspondente, que atrai a si as moléculas do ectoplasma.

Estas, graças à lei de afinidade, vão colocar-se na forma-arquétipo, assim como no órgão que lhe surge, criando dentro de alguns instantes um ser vivo, perfeitamente organizado.

Do mesmo modo, a Idéia-diretriz, que regula a origem e a evolução das espécies vegetais, animais e humanas no ambiente terrestre, exteriorizam-se numa forma fluídica que precede à criação somática, cujas fases ulteriores do desenvolvimento são igualmente precedidas pelas formas arquétipos, fluídicas, correspondentes e destinadas a servirem de modelo, em torno do qual deverá, gradualmente, condensar-se a matéria viva, que atinge a individualidade vegetal, animal e humana, graças à nutrição fisiológica.

Para não me tornar prolixo, renuncio ao desenvolvimento desse tema, não obstante ser ele tão interessante.

*

Voltando à tese fundamental versada nesta obra, advertirei que, conseqüentemente ao exposto até aqui, ressalta uma cir-

cunstância digna de atenção, de vez que com ela coincidem outras circunstâncias análogas, já por mim assinaladas em minhas obras anteriores.

É que, seja qual for o ponto de vista, pelo qual se queira encarar as manifestações metapsíquicas, mesmo que o façamos do ponto de vista insustentável de uma origem exclusivamente anímica, chegamos igual e necessariamente à demonstração da existência e sobrevivência da alma.

Essa conclusão é tão verdadeira, que, nesta obra em que tomamos em consideração as teorias sustentadas pelos adversários da hipótese espírita, demonstramos, todavia, que essas teorias estão longe de revestir a significação que lhe atribuem os seus defensores.

Iludem-se eles pensando que, provada a origem ideoplástica de uma parte dos fenômenos de “fotografia mental” e de “materializações”, hajam desferido um golpe de morte na hipótese espírita.

Entretanto, bem longe disso e muito pelo contrário, o que fizeram foi contribuir para reforçar essa hipótese.

De fato, com as suas demonstrações, eles contribuíram poderosamente para abater o materialismo científico, provando por fatos a existência de um princípio espiritual na subconsciência humana.

Esse princípio, dotado não apenas de faculdades espirituais independentes da lei de evolução, mas desprendido dos liames de espaço e tempo, parece possuir uma força plástica e organizadora, capaz de criar instantaneamente um organismo humano, vivo.

Ora, isto contribuía admiravelmente para confirmar a suposição da existência, no homem, de um *Eu* integral subconsciente, preexistindo e sobrevivendo à morte desse mesmo corpo por ele criado com objetivos próprios.

E quem não vê nestas conclusões a tese fundamental dos defensores da hipótese espírita?

Para falar noutros termos, é evidente que, se os nossos contraditores contribuem tão eficazmente para demonstrar a existência e sobrevivência da alma, não lhes sobra mais razão para se

oporem, em nome da ciência, à possibilidade de conseguirem as entidades espirituais desencarnadas manifestarem-se aos homens, em dadas circunstâncias.

É claro que esta última demonstração depende, exclusivamente, da existência de manifestações mediúnicas, inexplicáveis dentro das teorias anímicas.

Ora, essas manifestações abundam em todos os ramos de fenômenos aqui considerados. Delas temos fornecido alguns exemplos, a propósito da fotografia transcendental.

E se assim o não fizemos em relação às da categoria de materializações, foi unicamente por já termos tratado a fundo deste assunto, em nosso livro *A propósito da Introdução à Metapsíquica Humana*, recentemente publicado.

Vamos concluir:

Pela demonstração experimental do *Pensamento e Vontade* como forças plásticas e organizadoras – demonstração confirmada no conceito unânime de todos os investigadores favoráveis ou adversos à hipótese espiritista – chegamos a atingir os seguintes objetivos científicos, de imenso valor teórico:

- 1º) Conseguimos demolir, irremediavelmente, o materialismo científico, provando que os seus defensores têm sido iludidos pelas aparências, graças às quais erroneamente concluíram que o pensamento é função do cérebro, quando o exame aprofundado dos fenômenos metapsíquicos, em nos revelar a realidade oculta nas aparências, demonstrou precisamente o contrário, ou seja, que é o pensamento que condiciona o cérebro.
- 2º) Conseguimos a confirmação ulterior da hipótese espiritista por meio de novas provas complementares, favoráveis à existência e sobrevivência da alma, e capazes de conferir a esta hipótese uma solidez científica inabalável.
- 3º) Demonstramos, finalmente, que a concepção panteísta do Universo, que, conforme todas as concepções filosóficas fundava-se exclusivamente em postulados incertos, de pura abstração, era, ao invés, suscetível de ser discutida e

apoiada em bases e processos científicos da análise comparada.

FIM

Notas:

-
- ¹ Em sua obra *Libertação* (psicografia de Francisco Cândido Xavier), o espírito André Luiz narra interessantes episódios desse gênero. (N.E.).